UNE ✦ SACRA

Celta

Deuses e Guerreiros: os Tuatha Dé Danann

✦ ✦ ✦

Lady Gregory (recontagem dos mitos irlandeses)

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Lady Gregory (recontagem dos mitos irlandeses)
Data	1904 (mitos da tradição irlandesa medieval)
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto inglês de Lady Gregory
Fonte	Project Gutenberg — Lady Gregory, Gods and Fighting Men, 1904
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Gods and Fighting Men (Deuses e Guerreiros) é a grande recontagem dos mitos da Irlanda feita por Lady Augusta Gregory (1852–1932), publicada em Londres em 1904, com prefácio de W. B. Yeats.

Gregory reuniu e harmonizou as versões dos manuscritos medievais irlandeses e as contou num inglês simples, próximo da fala do povo do oeste da Irlanda.

Esta parte trata dos deuses, os Tuatha Dé Danann, o povo da deusa Dana. Eles chegam à Irlanda numa névoa, trazendo os seus quatro tesouros — a Pedra do Destino, a Espada, a Lança da Vitória e o Caldeirão —, vencem os Firbolgs e sofrem o governo do tirano Bres.

Vem então Lugh da Longa Mão, mestre de todas as artes, que conduz os deuses contra os fomorianos na grande Batalha de Magh Tuireadh; no meio, a história dos Filhos de Tuireann e das suas provas pelo mundo.

Por fim chegam os gaéis, os filhos de Míl, que vencem os deuses na batalha de Tailltin e repartem a Irlanda entre si.

O texto em inglês é o de Lady Gregory, de domínio público. Os capítulos seguem os do livro, na ordem da autora.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/14465

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

A luta com os Firbolgs

O reinado de Bres

A vinda de Lugh

Os filhos de Tuireann

A grande batalha de Magh Tuireadh

A casa escondida de Lugh

O desembarque

A batalha de Tailltin

A LUTA COM OS FIRBOLGS

✦

1 Foi numa névoa que os Tuatha Dé Danann, o povo dos deuses de Dana, ou, como alguns os chamavam, os Homens de Dea, vieram pelo ar e pelo alto ar até a Irlanda.

2 Foi do norte que vieram; e no lugar de onde vieram tinham quatro cidades, onde travavam a sua luta pelo saber: a grande Falias, a brilhante Gorias, Finias e a rica Murias, que ficava ao sul.

2.2 E nessas cidades tinham quatro sábios para ensinar aos seus jovens habilidade, conhecimento e sabedoria perfeita: Senias em Murias; Arias, o poeta de cabelos claros, em Finias; Urias, de natureza nobre, em Gorias; e Morias na própria Falias.

2.3 E trouxeram dessas quatro cidades os seus quatro tesouros: uma Pedra de Virtude de Falias, que se chamava Lia Fail, a Pedra do Destino; de Gorias trouxeram uma Espada; de Finias, uma Lança da Vitória; e de Murias, o quarto tesouro, o Caldeirão de onde nenhuma companhia jamais saiu insatisfeita.

3 Era Nuada o rei dos Tuatha Dé Danann naquele tempo, mas Manannán, filho de Lir, era ainda maior. E dos outros que eram chefes entre eles havia Ogma, irmão do rei, que lhes ensinou a escrita, e Diancecht, que entendia de cura, e Neit, um deus da batalha, e Credenus, o Artífice, e Goibniu, o Ferreiro.

3.2 E as maiores das suas mulheres eram Badb, uma deusa da batalha; Macha, cuja ração eram as cabeças dos homens mortos na batalha; a Morrigu, a Gralha da Batalha; Eire, Fodla e Banba, filhas do Dagda, que deram

as três os seus nomes à Irlanda depois; Eadon, a ama dos poetas; e Brigit, que era uma mulher de poesia, e os poetas a veneravam, pois o seu domínio era muito grande e muito nobre.

3.3 E era também uma mulher de cura, e uma mulher do trabalho de ferreiro, e foi ela quem primeiro fez o apito para se chamarem uns aos outros pela noite. E um lado do seu rosto era feio, mas o outro lado era muito formoso. E o sentido do seu nome era Breo-saighit, flecha de fogo.

3.4 E entre as outras mulheres havia muitas formas de sombra e grandes rainhas; mas Dana, que era chamada a Mãe dos Deuses, estava acima de todas.

4 E as três coisas que punham acima de todas as outras eram o arado, o sol e a aveleira, de modo que se disse no tempo que veio depois que a Irlanda estava dividida entre esses três: Coll, a aveleira, Cecht, o arado, e Grian, o sol.

5 E tinham um poço debaixo do mar onde cresciam as nove aveleiras da sabedoria; isto é, as aveleiras da inspiração e do conhecimento da poesia. E as suas folhas e as suas flores brotavam na mesma hora e caíam no poço numa chuva que levantava uma onda púrpura.

5.2 E então os cinco salmões que esperavam ali comiam as nozes, e a cor delas aparecia nas pintas vermelhas da sua pele, e qualquer pessoa que comesse um desses salmões saberia toda a sabedoria e toda a poesia. E havia sete correntes de sabedoria que nasciam daquele poço e voltavam a ele de novo; e as pessoas de muitas artes beberam todas daquele poço.

6 Foi no primeiro dia de Beltaine, que hoje se chama Dia de Maio, que os Tuatha Dé Danann vieram, e foi a noroeste de Connacht que desembarcaram. Mas os Firbolgs, os Homens do Saco, que estavam na Irlanda antes

deles e tinham vindo do sul, não viram nada senão uma névoa deitada sobre as colinas.

7 Eochaid, filho de Erc, era rei dos Firbolgs naquele tempo, e vieram mensageiros até ele em Teamhair e lhe disseram que um povo novo tinha chegado à Irlanda, mas não se sabia se da terra, dos céus ou no vento, e que tinham se instalado em Magh Rein.

8 Pensaram que Eochaid ficaria espantado quando ouvisse aquela notícia; mas ele não ficou espantado, pois tinha lhe vindo um sonho à noite, e quando perguntou aos seus druidas o sentido do sonho, foi isto o que disseram: que não demoraria a vir contra ele um inimigo forte.

9 Então o rei Eochaid aconselhou-se com os seus principais conselheiros, e foi isto o que combinaram: mandar um bom campeão deles ver os estrangeiros e falar com eles. Escolheram então Sreng, que era um grande guerreiro, e ele se levantou e pegou o seu forte escudo vermelho-castanho, as suas duas lanças de haste grossa, a sua espada, o seu capacete e a sua grossa clava de ferro, e partiu de Teamhair e seguiu para o lugar onde estavam os estrangeiros, em Magh Rein.

10 Mas antes que chegasse lá, os vigias dos Tuatha Dé Danann o avistaram e mandaram um dos seus próprios campeões, Bres, com o seu escudo, a sua espada e as suas duas lanças, ao seu encontro, para falar com ele.

11 Então os dois campeões foram um na direção do outro devagar, vigiando-se bem e admirando as armas um do outro, até chegarem perto o bastante para conversar; e então pararam, e cada um pôs o escudo diante do corpo e o cravou com força no chão, e olharam um para o outro por cima

da borda. Bres foi o primeiro a falar, e quando Sreng ouviu que era irlandês o que ele falava, a sua própria língua, ficou menos inquieto, e chegaram-se mais perto e fizeram perguntas sobre a família e a raça um do outro.

12 E depois de algum tempo puseram de lado os escudos, e foi isto o que Sreng disse: que tinha erguido o seu por medo das lanças finas e afiadas que Bres tinha na mão. E Bres disse que ele mesmo tinha medo das lanças de haste grossa que via com Sreng, e perguntou se todas as armas dos Firbolgs eram do mesmo tipo.

12.2 E Sreng tirou as amarras das suas lanças para mostrá-las melhor, e Bres se admirou delas, por serem tão fortes, tão pesadas e tão afiadas dos lados, embora não tivessem ponta. E Sreng lhe disse que o nome daquelas lanças era Craisech, e que atravessavam escudos e esmagavam carne e ossos, de modo que o golpe delas era morte ou feridas que nunca saravam.

12.3 E então olhou para as lanças finas, afiadas e de ponta dura que estavam com Bres. E no fim trocaram lanças, para que os guerreiros de cada lado vissem as armas a que os outros estavam acostumados.

12.4 E foi esta a mensagem que Bres mandou aos Firbolgs: que, se entregassem metade da Irlanda, a sua gente ficaria contente em tomá-la em paz; mas, se não entregassem tanto, haveria batalha. E ele e Sreng disseram um ao outro que, acontecesse o que acontecesse no futuro, eles mesmos seriam amigos.

13 Sreng voltou então a Teamhair, deu a mensagem e mostrou a lança; e foi isto o que aconselhou à sua gente: partilhar o país e não entrar em batalha com um povo que tinha armas tão melhores que as suas. Mas Eochaid e os

seus homens principais deliberaram juntos e disseram por fim: "Não entregaremos metade do país a esses estrangeiros; pois, se o fizermos", disseram, "logo tomarão o todo."

14 Ora, quanto aos Homens de Dea, quando Bres voltou até eles, mostrou-lhes a lança pesada e lhes falou do homem forte e feroz de quem a recebera, e de como era robusto e bem armado, acharam provável que logo houvesse uma batalha.

14.2 E saíram de onde estavam para um lugar melhor, mais a oeste em Connacht, e ali se instalaram e fizeram muros e fossos na planície de Magh Nia, onde tinham a grande montanha Belgata às costas. E enquanto se mudavam para lá e erguiam os seus muros, três rainhas deles, Badb, Macha e a Morrigu, foram a Teamhair, onde os Firbolgs faziam os seus planos.

14.3 E pelo poder dos seus encantamentos trouxeram névoas e nuvens de escuridão sobre todo o lugar, e mandaram chuvas de fogo e de sangue sobre o povo, de modo que não conseguiam ver-se nem falar uns com os outros durante três dias. Mas no fim desse tempo os três druidas dos Firbolgs, Cesarn, Gnathach e Ingnathach, quebraram o encantamento.

15 Os Firbolgs reuniram então os seus homens, e vieram com os seus onze batalhões e tomaram posição na ponta leste da planície de Magh Nia.

16 E Nuada, rei dos Homens de Dea, mandou os seus poetas fazer a mesma oferta que fizera antes: contentar-se com metade do país, se lhe fosse entregue. O rei Eochaid mandou que os poetas pedissem resposta aos seus homens principais, que estavam ali reunidos; e quando ouviram a oferta não consentiram. Então os mensageiros lhes perguntaram quando começariam a batalha.

16.2 "Precisamos de uma demora", disseram; "pois queremos tempo para pôr em ordem as nossas lanças e as nossas armaduras, polir os nossos capacetes e afiar as nossas espadas, e mandar fazer lanças como as que vós tendes. E quanto a vós", disseram, "ireis querer mandar fazer lanças como os nossos Craisechs." Combinaram então uma demora de um quarto de ano para os preparativos.

17 Foi num dia de São João, no meio do verão, que começaram a batalha. Três vezes nove jogadores de hurling dos Tuatha Dé Danann saíram contra três vezes nove jogadores dos Firbolgs, e foram vencidos, e todos eles foram mortos. E o rei Eochaid mandou um mensageiro perguntar se teriam a batalha todos os dias ou dia sim, dia não.

17.2 E foi isto o que Nuada respondeu: que a teriam todos os dias, mas que haveria exatamente o mesmo número de homens lutando de cada lado. Eochaid concordou, mas não ficou muito contente, pois havia mais homens dos Firbolgs do que dos Homens de Dea.

18 Então a batalha continuou por quatro dias, e houve grandes proezas de cada lado, e muitos campeões encontraram a morte. Mas para os que estavam vivos ao anoitecer, os médicos de cada lado faziam um banho de cura, com toda espécie de planta e erva de cura, para que estivessem fortes e sãos para a luta do dia seguinte.

19 E no quarto dia os Homens de Dea levaram a melhor, e os Firbolgs foram rechaçados. E uma grande sede tomou Eochaid, o rei deles, na batalha, e ele saiu do campo procurando de beber, com três cinquentenas dos seus homens protegendo-o; mas três cinquentenas dos Tuatha Dé Danann se-

guiram-nos até chegarem à praia que se chama Traigh Eothaile, e tiveram ali uma luta feroz, e por fim o rei Eochaid caiu, e o enterraram ali e ergueram um grande monte de pedras sobre o seu túmulo.

20 E quando restavam só trezentos homens dos onze batalhões dos Firbolgs, com Sreng à frente, Nuada lhes ofereceu a paz e a escolha entre as cinco províncias da Irlanda. E Sreng disse que tomariam Connacht; e ele e a sua gente viveram ali, e os seus filhos depois deles.

20.2 Foi deles que veio depois Ferdiad, que fez uma luta tão boa contra Cuchulainn, e Erc, filho de Cairbre, que lhe deu a morte. E aquela batalha, que foi a primeira travada na Irlanda pelos Homens de Dea, foi chamada por alguns a primeira batalha de Magh Tuireadh.

21 E os Tuatha Dé Danann tomaram posse de Teamhair, que às vezes se chamava Druim Cain, a Bela Colina, e Liathdruim, a Colina Cinzenta, e Druim na Descan, a Colina do Mirante; todos esses nomes foram dados a Teamhair. E desde aquele tempo ficou acima de todos os outros lugares, pois o seu rei era o Grande Rei de toda a Irlanda.

21.2 O rath do rei ficava ao norte, e a Colina dos Reféns a nordeste do Trono Alto, e o Gramado de Teamhair a oeste da Colina dos Reféns. E a nordeste, na Colina dos Sidhe, havia um poço chamado Nemnach, e dele corria uma corrente chamada Nith, e naquela corrente se construiu o primeiro moinho da Irlanda.

22 E ao norte da Colina dos Reféns ficava a pedra, a Lia Fail, que rugia debaixo dos pés de todo rei que tomasse posse da Irlanda. E o Muro dos Três Sussurros ficava perto da Casa das Mulheres, que tinha sete portas para o

leste e sete portas para o oeste; e era nessa casa que se faziam os banquetes de Teamhair. E havia a Grande Casa dos Mil Soldados, e perto dela, ao sul, a pequena Colina das Mulheres Soldados.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O REINADO DE BRES

✦

1 Mas, se Nuada ganhou a batalha, perdeu nela o seu próprio braço, que Sreng lhe cortou; e por essa perda vieram problemas e aflição sobre a sua gente.

2 Pois era lei entre os Tuatha Dé Danann que nenhum homem que não fosse perfeito de forma podia ser rei. E depois que Nuada perdeu o braço na batalha, foi tirado da realeza por esse motivo.

3 E o rei que escolheram no seu lugar foi Bres, que era o mais belo de todos os seus jovens, de modo que, se alguém queria louvar uma coisa bela, fosse uma planície, ou uma fortaleza, ou cerveja, ou uma chama, ou uma mulher, ou um homem, ou um cavalo, era isto o que dizia: "É tão belo quanto Bres." E ele era filho de uma mulher dos Tuatha Dé Danann, mas quem era o seu pai ninguém sabia senão ela.

4 Mas, apesar de Bres ser tão belo, o seu reinado não trouxe grande sorte à sua gente; pois os fomorianos, cuja morada ficava além do mar, ou, como dizem alguns, debaixo do mar, a oeste, começaram a lhes impor tributo, para tê-los sob o seu próprio domínio.

5 Fazia muito tempo que os fomorianos tinham vindo pela primeira vez à Irlanda; eram terríveis de ver, e aleijados, tendo só um pé ou uma mão, e vinham sob o comando de um gigante e da mãe dele. Nunca veio à Irlanda exército mais horrível nem mais terrível que aquele exército dos fomorianos. E eram amigos dos Firbolgs e contentes de deixar-lhes a Irlanda, mas havia ciúme entre eles e os Homens de Dea.

6 E foi um imposto duro o que lhes puseram: pediram a terça parte do seu trigo, a terça parte do seu leite e a terça parte dos seus filhos, de modo que não subia fumaça de um telhado na Irlanda que não estivesse sob tributo a eles. E Bres não lhes fez frente, mas os deixou fazer o que queriam.

7 E quanto ao próprio Bres, pôs em cada casa da Irlanda um imposto do leite de vacas pardas sem chifres, ou do leite de vacas de alguma outra cor só, o bastante para cem homens. E uma vez, para enganá-lo, Nechtan chamuscou todas as vacas da Irlanda num fogo de samambaia e depois as besuntou com as cinzas de semente de linho, de modo que ficaram todas castanho-escuras.

7.2 Fez isso a conselho do druida Findgoll, filho de Findemas. E outra vez fizeram trezentas vacas de madeira com baldes castanho-escuros no lugar dos úberes, e os baldes estavam cheios de lama negra do pântano. Então Bres veio olhar as vacas e vê-las ordenhadas diante de si, e Cian, pai de Lugh, estava lá.

7.3 E quando as ordenharam, foi a lama do pântano que saiu espremida; e Bres tomou um gole dela pensando que era leite, e por muito tempo não se recuperou.

8 E havia outra coisa contra Bres: não era nada generoso, e os chefes dos Tuatha Dé Danann resmungavam contra ele, pois as suas facas nunca ficavam engorduradas na casa dele, e, por mais que o visitassem, não havia cheiro de cerveja no seu hálito.

8.2 E não havia nenhuma espécie de prazer nem de alegria na casa dele, nem procura pelos seus poetas, cantores, harpistas, gaiteiros, tocadores de trompa, malabaristas ou bobos. E quanto às provas de força que costuma-

vam ver entre os seus campeões, o único uso que agora se dava à força deles era trabalhar para o rei.

8.3 O próprio Ogma, o poeta brilhante, tinha ordem de trazer lenha ao palácio todos os dias, para o exército inteiro, das Ilhas de Mod; e estava tão fraco por falta de comida que o mar lhe levava dois terços do feixe todos os dias. E quanto ao Dagda, puseram-no a construir raths, pois era um bom construtor, e ele fez um fosso em volta do Rath Brese.

8.4 E muitas vezes ficava cansado no trabalho, e uma vez quase desistiu de todo por falta de comida, e foi assim que aconteceu. Costumava encontrar na casa um cego ocioso, Cridenbel era o seu nome, que tinha a língua afiada e cobiçava a porção de comida do Dagda, pois achava a sua pequena ao lado dela.

8.5 Disse-lhe então: "Pelo teu bom nome, que me deem os três melhores bocados da tua porção." E o Dagda cedia a isso todas as noites; mas ficava pior com isso, pois o que o cego chamava de bocado era do tamanho de um bom porco, e com os seus três bocados ele levava um terço inteiro do todo.

9 Mas um dia, estando o Dagda no fosso, viu o seu filho, Angus Og, vindo até ele. "Que bom encontro", disse Angus; "mas o que tens, que hoje não estás com boa cara?" "Há um motivo para isso", disse o Dagda, "pois todas as tardes Cridenbel, o cego, me exige os três melhores bocados da minha porção de comida e os tira de mim." "Vou te dar um conselho", disse Angus. Pôs então a mão no saco, tirou três moedas de ouro e lhas deu.

10 "Põe estas moedas de ouro nos três bocados que vais dar esta tarde a Cridenbel", disse ele, "e serão os melhores bocados do prato, e o ouro se revirará dentro dele de modo que morrerá."

11 Então, à tarde, o Dagda fez isso; e assim que Cridenbel engoliu o ouro, morreu. Alguns disseram então ao rei: "O Dagda matou Cridenbel, dando-lhe uma erva mortal." O rei acreditou nisso, e ficou irado contra o Dagda, e deu ordem de que o matassem. Mas o Dagda disse: "Não estás dando o juízo certo de um príncipe."

11.2 E contou tudo o que tinha acontecido, e como Cridenbel costumava dizer: "Dá-me os três melhores bocados que tens diante de ti, pois a minha porção não está boa esta noite."

11.3 "E nesta noite", disse ele, "as três moedas de ouro eram as melhores coisas diante de mim, e eu lhas dei, e ele morreu."

12 O rei deu ordem então de abrirem o corpo. E acharam o ouro dentro dele, e souberam que era verdade o que o Dagda dissera.

13 E Angus veio a ele de novo no dia seguinte e disse: "O teu trabalho logo estará feito, e quando te derem o teu pagamento, não aceites nada do que te oferecerem até que tragam diante de ti o gado da Irlanda, e escolhe então uma novilha, negra e de crina negra, de que te direi os sinais."

14 Então, quando o Dagda terminou o seu trabalho e lhe perguntaram que recompensa queria, fez como Angus lhe mandara. E isso pareceu loucura a Bres; pensava que o Dagda lhe pediria mais que uma novilha.

15 Chegou por fim um dia em que um poeta veio pedir hospitalidade na casa do rei: Corpre, filho de Etain, poeta dos Tuatha Dé Danann. E foi assim que o trataram: puseram-no numa casinha escura e estreita, onde não havia fogo, nem móveis, nem cama; e como banquete lhe trouxeram três bolinhos pequenos, e secos, num pratinho.

15.2 Quando se levantou no dia seguinte, não ficou nada agradecido, e ao atravessar o gramado foi isto o que disse: "Sem comida pronta num prato; sem leite bastante para um bezerro crescer; sem abrigo; sem luz na escuridão da noite; sem o bastante para pagar um contador de histórias: que seja essa a prosperidade de Bres."

16 E desde aquele dia não houve boa sorte com Bres, mas foi decaindo para sempre dali em diante. E essa foi a primeira sátira jamais feita na Irlanda.

17 Ora, quanto a Nuada: depois que lhe cortaram o braço, esteve doente por algum tempo, e então Diancecht, o curador, fez-lhe um braço de prata, com movimento em cada dedo, e o pôs nele. E por isso ele foi chamado Nuada Argat-lamh, da Mão de Prata, para sempre depois disso.

18 Ora, Miach, filho de Diancecht, era melhor curador que o pai e tinha feito muitas coisas. Encontrou uma vez em Teamhair um jovem que só tinha um olho, e o jovem disse: "Se és um bom médico, porás um olho no lugar do olho que perdi."

18.2 "Eu poderia pôr no lugar dele o olho daquele gato no teu colo", disse Miach. "Isso me agradaria muito", disse o jovem. Então Miach pôs o olho do gato na cabeça dele; mas ele preferiria ter ficado sem ele depois, pois quando queria dormir e descansar, era então que o olho se assustava com o guincho dos ratos, ou o voo das aves, ou o movimento dos juncos; e quando queria vigiar um exército ou uma reunião, era então que ele estava, com certeza, num sono profundo.

19 E Miach não estava satisfeito com o que o pai fizera ao rei, e pegou a própria mão de Nuada, que tinha sido cortada, levou-a até ele e a pôs no lugar, e disse: "Junta com junta, tendão com tendão." Três dias e três noites esteve

com o rei; no primeiro dia pôs a mão contra o flanco dele, e no segundo dia contra o peito, até que ficou coberta de pele, e no terceiro dia pôs sobre ela juncos enegrecidos no fogo, e no fim desse tempo o rei estava curado.

20 Mas Diancecht ficou aborrecido quando viu o filho fazer uma cura melhor que a sua, e atirou-lhe a espada na cabeça, de modo que lhe cortou a carne, mas o rapaz curou a ferida por meio da sua habilidade. Então Diancecht atirou-a uma segunda vez, de modo que chegou ao osso, mas o rapaz conseguiu curar a ferida. Então golpeou-o a terceira e a quarta vez, até lhe tirar o cérebro, pois sabia que nenhum médico poderia curá-lo depois daquele golpe; e Miach morreu, e ele o enterrou.

21 E do túmulo dele brotaram ervas, no número das suas juntas e tendões, trezentas e sessenta e cinco. E Airmed, a irmã dele, veio, estendeu o manto e arrumou nele as ervas, segundo a virtude de cada uma. Mas Diancecht a viu fazer isso, veio e misturou as ervas, de modo que ninguém conhece todos os seus poderes certos até hoje.

22 Então, quando os Tuatha Dé Danann viram Nuada tão bem quanto estava antes, reuniram-se em Teamhair, onde estava Bres, e lhe mandaram deixar a realeza, pois a tinha tido por tempo bastante. Então ele teve de deixá-la, embora não de muito bom grado, e Nuada foi posto de volta na realeza.

23 Houve então grande aflição em Bres, e ele revirou a mente para saber como poderia vingar-se dos que o tinham tirado, e como poderia juntar um exército contra eles; e foi à sua mãe, Eri, filha de Delbaith, e lhe pediu que lhe dissesse qual era a sua raça.

24 "Sei isso muito bem", disse ela; e contou-lhe então que o seu pai era um rei dos fomorianos, Elathan, filho de Dalbaech, e que viera a ela uma vez por um mar liso, num grande navio que parecia ser de prata, mas ela não conseguia ver a sua forma, e ele mesmo tinha a aparência de um jovem de cabelo amarelo, com a roupa costurada de ouro e cinco colares de ouro em volta do pescoço.

24.2 E ela, que tinha recusado o amor de todos os jovens da sua própria gente, deu-lhe o seu amor, e chorou quando ele a deixou. E ele lhe deu um anel da sua mão e lhe mandou que o desse só ao homem em cujo dedo ele coubesse, e foi-se embora então pelo mesmo caminho por onde viera.

25 E ela trouxe então o anel a Bres, e ele o pôs no dedo médio, e coube-lhe bem. E foram então juntos à colina onde ela estava quando viu chegar o navio de prata, e desceram à praia, e ela, Bres e a gente dele partiram para o país dos fomorianos.

26 E quando chegaram àquele país, acharam uma grande planície com muitas reuniões de gente, e foram à reunião que parecia a melhor, e as pessoas perguntaram de onde vinham, e eles disseram que vinham da Irlanda.

26.2 "Tendes cães convosco?", perguntaram-lhes então, pois era costume naquele tempo, quando estrangeiros chegavam a uma reunião, fazer-lhes algum desafio amigável.

26.3 "Temos cães", disse Bres. Então os cães foram postos uns contra os outros, e os cães dos Tuatha Dé Danann eram melhores que os cães dos fomorianos. "Tendes cavalos para uma corrida?", perguntaram então. "Temos", disse Bres. E os cavalos dos Tuatha Dé Danann venceram os cavalos dos fomorianos.

27 Então perguntaram se havia entre eles alguém bom com a espada, e disseram que Bres era o melhor. Mas quando ele pôs a mão na espada, Elathan, o seu pai, que estava entre eles, reconheceu o anel e perguntou quem era aquele jovem. Então a mãe respondeu-lhe e contou toda a história, e que Bres era seu próprio filho.

28 Houve então tristeza no pai dele, e ele disse: "O que te expulsou do país de que eras rei?" E Bres disse: "Nada me expulsou senão a minha própria injustiça e a minha própria dureza; tirei do povo os seus tesouros, as suas joias e a sua própria comida. E nunca se lhes tinham posto impostos antes de eu ser o seu rei."

29 "Isso é mau", disse o pai; "era na prosperidade deles que tinhas o dever de pensar, mais do que na tua própria realeza. E a boa vontade deles seria melhor que as suas maldições", disse ele; "e o que vieste procurar aqui?" "Vim procurar guerreiros", disse Bres, "para tomar a Irlanda à força." "Não tens o direito de consegui-la pela injustiça, já que não conseguiste mantê-la pela justiça", disse o pai. "Que conselho tens para mim, então?", disse Bres.

30 E Elathan mandou-o ir ao rei principal dos fomorianos, Balor do Olho Mau, para ver que conselho e que ajuda ele lhe daria.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A VINDA DE LUGH

✦

1 Ora, quanto a Nuada da Mão de Prata, ele dava uma vez um grande banquete em Teamhair, depois de voltar à realeza. E havia dois porteiros em Teamhair, Gamal, filho de Figal, e Camel, filho de Riagall. E um jovem chegou à porta onde estava um deles e lhe pediu que o levasse ao rei.

1.2 "Quem és tu?", disse o porteiro. "Sou Lugh, filho de Cian, dos Tuatha Dé Danann, e de Ethlinn, filha de Balor, rei dos fomorianos", disse ele; "e sou filho de criação de Taillte, filha do Rei da Grande Planície, e de Echaid, o Rude, filho de Duach."

1.3 "Em que és hábil?", disse o porteiro; "pois ninguém sem uma arte entra em Teamhair." "Pergunta-me", disse Lugh; "sou carpinteiro." "Não precisamos de ti; temos um carpinteiro, Luchtar, filho de Luachaid."

1.4 "Então sou ferreiro." "Temos um ferreiro, Colum Cuaillemech dos Três Caminhos Novos." "Então sou campeão." "Isso não nos serve; já temos um campeão, Ogma, irmão do rei."

1.5 "Pergunta-me de novo", disse ele; "sou harpista." "Isso não nos serve; temos um harpista, Abhean, filho de Bicelmos, que os Homens dos Três Deuses trouxeram das colinas."

1.6 "Sou poeta", disse ele então, "e contador de histórias." "Isso não nos serve; temos um contador de histórias, Ere, filho de Ethaman." "E sou mago." "Isso não nos serve; temos magos e gente de poder de sobra."

1.7 "Sou médico", disse ele. "Isso não serve; temos Diancecht por médico." "Deixa-me ser copeiro", disse ele. "Não precisamos de ti; temos nove copeiros." "Sou bom trabalhador de bronze." "Temos um trabalhador de

bronze, que é Credne Cerd."

2 Então Lugh disse: "Vai e pergunta ao rei se ele tem um só homem que saiba fazer todas essas coisas, e, se tiver, não pedirei para entrar em Teamhair." O porteiro entrou então na casa do rei e lhe contou tudo aquilo.

2.2 "Há um jovem à porta", disse ele, "e o seu nome devia ser Ildánach, o Mestre de Todas as Artes, pois todas as coisas que a gente da tua casa sabe fazer, ele mesmo sabe fazer cada uma delas."

2.3 "Prova-o com os tabuleiros de xadrez", disse Nuada. Então trouxeram os tabuleiros, e cada partida que se jogou, Lugh a ganhou. E quando contaram isso a Nuada, ele disse: "Deixai-o entrar, pois nunca entrou em Teamhair alguém como ele."

3 Então o porteiro o deixou passar, e ele entrou na casa do rei e sentou-se no assento do saber. E havia ali uma grande laje que mal podia ser movida por quatro vezes vinte juntas de bois, e Ogma a levantou e a atirou pela casa afora, de modo que ficou do lado de fora de Teamhair, como desafio a Lugh. Mas Lugh a atirou de volta, de modo que ficou no meio da casa do rei.

3.2 Tocou então a harpa para eles, e os fez rir e chorar, até que no fim os pôs a dormir com uma toada de sono. E quando Nuada viu todas as coisas que Lugh sabia fazer, começou a pensar que, com a ajuda dele, o país poderia se livrar dos impostos e da tirania que os fomorianos lhe tinham posto.

3.3 E foi isto o que fez: desceu do trono e pôs Lugh nele no seu lugar, por treze dias, para que todos ouvissem o conselho que ele daria.

4 Esta é agora a história do nascimento de Lugh. No tempo em que os fomorianos costumavam vir à Irlanda, Balor dos Golpes Fortes, ou, como alguns o chamavam, do Olho Mau, vivia na Ilha da Torre de Vidro. Havia

perigo para os navios que passavam perto daquela ilha, pois os fomorianos saíam e os tomavam.

4.2 E alguns dizem que os filhos de Nemed, no tempo antigo, antes de os Firbolgs estarem na Irlanda, passaram perto dela nos seus navios, e o que viram foi uma torre de vidro no meio do mar, e na torre algo que tinha a aparência de homens, e foram contra ela com encantamentos druídicos para atacá-la.

4.3 E os fomorianos agiram contra eles com encantamentos druídicos próprios; e os filhos de Nemed atacaram a torre, e ela desapareceu, e pensaram que estava destruída. Mas uma grande onda ergueu-se então sobre eles, e todos os seus navios afundaram, e todos os que estavam neles.

5 E a torre estava lá como antes, e Balor vivia nela. E a razão por que era chamado "do Olho Mau" é que havia um poder de morte num dos seus olhos, de modo que ninguém podia olhá-lo e viver.

5.2 Foi assim que ele ganhou esse poder: passava uma vez por uma casa onde os druidas do seu pai faziam encantamentos de morte, e, estando a janela aberta, olhou para dentro, e a fumaça dos encantamentos venenosos subia e entrou no seu olho.

5.3 E desde aquele tempo ele tinha de mantê-lo fechado, a não ser que quisesse ser a morte de algum inimigo, e então os homens que estavam com ele levantavam a pálpebra com um anel de marfim.

6 Ora, um druida predisse uma vez que seria pelo seu próprio neto que ele encontraria a morte. E ele tinha naquele tempo só uma filha, cujo nome era Ethlinn; e quando ouviu o que o druida disse, trancou-a na torre da ilha. E pôs com ela doze mulheres para cuidar dela e guardá-la, e mandou-lhes que nunca a deixassem ver um homem nem ouvir o nome de um homem.

7 Então Ethlinn foi criada na torre e cresceu muito bela; e às vezes via homens passando nos currachs, e às vezes via um homem nos seus sonhos. Mas quando falava disso às mulheres, elas não lhe davam resposta.

8 Então Balor não tinha medo, e continuou com a guerra e o roubo como costumava, tomando todo navio que passava, e às vezes indo à Irlanda fazer destruição lá.

9 Ora, aconteceu que naquele tempo havia três irmãos dos Tuatha Dé Danann vivendo juntos num lugar chamado Druim na Teine, a Colina do Fogo: Goibniu, Samthainn e Cian. Cian era senhor de terras, e Goibniu era o ferreiro que tinha tão grande fama. Ora, Cian tinha uma vaca maravilhosa, a Glas Gaibhnenn, e o leite dela nunca faltava. E todos os que ouviam falar dela a cobiçavam, e muitos tinham tentado roubá-la, de modo que ela tinha de ser vigiada noite e dia.

10 E uma vez Cian queria mandar fazer umas espadas, e foi à forja de Goibniu, e levou consigo a Glas Gaibhnenn, segurando-a por um cabresto. Quando chegou à forja, os seus dois irmãos estavam lá juntos, pois Samthainn tinha trazido aço para mandar fazer armas para si; e Cian mandou Samthainn segurar o cabresto enquanto entrava na forja para falar com Goibniu.

11 Ora, Balor tinha posto o pensamento havia muito tempo na Glas Gaibhnenn, mas até então nunca tinha conseguido chegar perto dela. E estava vigiando não muito longe, e quando viu Samthainn segurando a vaca, tomou a aparência de um menino pequeno, de cabelo vermelho, chegou-se a

ele e lhe disse que ouvira os seus dois irmãos, que estavam na forja, dizerem um ao outro que usariam todo o aço dele nas suas próprias espadas e fariam a dele de ferro.

11.2 "Pela minha palavra", disse Samthainn, "não me enganarão tão facilmente. Segura tu a vaca, menino", disse ele, "e eu vou entrar." Com isso precipitou-se para dentro da forja, com grande raiva. E assim que Balor teve o cabresto na mão, partiu arrastando a Glas consigo até a praia, e pelo mar até a sua própria ilha.

12 Quando Cian viu o irmão entrar, precipitou-se para fora, e viu ali Balor e a Glas no mar. E não lhe restou nada a fazer senão repreender o irmão e vagar como se tivesse perdido o juízo, sem saber como recuperar a sua vaca de Balor. Por fim foi a um druida pedir-lhe conselho; e foi isto o que o druida lhe disse: que, enquanto Balor vivesse, a vaca nunca seria trazida de volta, pois ninguém se poria ao alcance do seu Olho Mau.

13 Cian foi então a uma druidesa, Birog da Montanha, pedir ajuda. E ela o vestiu com roupas de mulher e o levou pelo mar numa rajada de vento até a torre onde estava Ethlinn.

13.2 Então chamou as mulheres da torre e lhes pediu abrigo para uma grande rainha que acabara de salvar de uma aflição, e as mulheres da torre não quiseram recusar uma mulher dos Tuatha Dé Danann, e deixaram-na entrar com a sua companheira. Então Birog, pelos seus encantamentos, pôs todas elas num sono profundo, e Cian foi falar com Ethlinn.

13.3 E quando ela o viu, disse que aquele era o rosto que tinha visto nos seus sonhos. Então lhe deu o seu amor; mas depois de algum tempo ele foi levado embora de novo numa rajada de vento.

14 E quando chegou a sua hora, Ethlinn deu à luz um filho. E quando Balor soube disso, mandou a sua gente pôr a criança num pano, prendê-lo com um alfinete e atirá-la numa corrente do mar. E quando levavam a criança por um braço de mar, o alfinete caiu, e a criança escorregou do pano para a água, e pensaram que se tinha afogado. Mas foi levada por Birog da Montanha, e ela a levou ao seu pai, Cian; e ele a deu para ser criada por Taillte, filha do Rei da Grande Planície. Foi assim que Lugh nasceu e foi criado.

15 E alguns dizem que Balor veio e cortou a cabeça de Cian numa pedra branca, que tem as marcas de sangue até hoje; mas é provável que tenha sido de outro homem que cortou a cabeça, pois foi pelos filhos de Tuireann que Cian encontrou a morte.

16 E depois que Lugh veio a Teamhair e decidiu juntar-se à gente do seu pai contra os fomorianos, pôs a mente na obra; e foi a um lugar sossegado em Grellach Dollaid, com Nuada e o Dagda, e com Ogma; e Goibniu e Diancecht foram chamados até eles ali.

16.2 Um ano inteiro ficaram ali, fazendo os seus planos juntos em segredo, para que os fomorianos não soubessem que iam se levantar contra eles até que tudo estivesse pronto e até que soubessem qual era a sua força. E foi daquele conselho que o lugar recebeu depois o nome de "O Sussurro dos Homens de Dea".

17 E desfizeram o conselho e combinaram encontrar-se de novo daí a três anos, naquele mesmo dia, e cada um seguiu o seu caminho, e Lugh voltou aos seus próprios amigos, os filhos de Manannán.

18 E foi um bom tempo depois disso que Nuada fazia uma grande assembleia do povo na Colina de Uisnech, a oeste de Teamhair. E não estavam lá havia muito quando viram uma tropa armada vindo na sua direção do leste, pela planície; e havia um jovem à frente da tropa, no comando dos outros, e o brilho do seu rosto era como o sol poente, de modo que não conseguiam olhá-lo por causa do seu brilho.

19 E quando ele chegou mais perto, souberam que era Lugh Lamh-Fada, da Longa Mão, que tinha voltado a eles, e com ele vinham os Cavaleiros dos Sidhe da Terra da Promessa, e os seus próprios irmãos de criação, os filhos de Manannán: Sgoith Gleigeil, a Flor Branca, Goitne Gorm-Shuileach, a Lança de Olhos Azuis, Sine Sindearg, do Anel Vermelho, e Donall Donn-Ruadh, do Cabelo Castanho-Avermelhado.

19.2 E era assim que Lugh vinha: tinha debaixo de si o cavalo de Manannán, a Aonbharr, da Crina Única, que era tão rápida quanto o vento nu e frio da primavera, e o mar era para ela o mesmo que a terra seca, e o cavaleiro nunca era morto no seu lombo.

19.3 E tinha a couraça de Manannán, que guardava de feridas quem a vestisse, e um elmo na cabeça com duas belas pedras preciosas na frente e uma atrás, e quando o tirava, a sua fronte era como o sol num dia seco de verão.

19.4 E tinha a espada de Manannán, a Freagarthach, a Respondedora, ao lado, e ninguém ferido por ela escapava vivo; e quando aquela espada era desembainhada numa batalha, nenhum homem que a visse vindo contra si tinha mais força que uma mulher em trabalho de parto.

20 E a tropa chegou aonde estava o rei da Irlanda com os Tuatha Dé Danann, e deram as boas-vindas uns aos outros.

21 E não estavam lá havia muito quando viram uma tropa carrancuda e desleixada vindo na sua direção, nove vezes nove dos mensageiros dos fomorianos, que vinham pedir renda e impostos aos homens da Irlanda; e os nomes dos quatro que eram os mais duros e os mais cruéis eram Eine, Eathfaigh, Coron e Compar; e havia tão grande pavor desses quatro entre os Tuatha Dé Danann que nenhum deles ousava sequer castigar o próprio filho ou o filho de criação sem licença deles.

22 Chegaram então aonde estava o rei da Irlanda com os Cavaleiros dos Sidhe, e o rei e todos os Tuatha Dé Danann se levantaram diante deles. E Lugh da Longa Mão disse: "Por que vos levantais diante daquela tropa carrancuda e desleixada, quando não vos levantastes diante de nós?"

23 "É preciso que o façamos", disse o rei; "pois, se houvesse sentada diante deles uma criança nossa, não achariam pequena demais a razão para matá-la." "Pela minha palavra", disse Lugh, "está me vindo um grande desejo de matá-los."

23.2 "Isso nos traria dano", disse o rei, "pois encontraríamos por isso a nossa própria morte e destruição." "Faz tempo demais que estais debaixo dessa opressão", disse Lugh. E com isso levantou-se de um salto e atacou os fomorianos, matando e ferindo, até que acabou com oito novenas deles, mas deixou ir a última novena sob a proteção de Nuada, o rei.

23.3 "E eu vos mataria junto com os outros", disse ele, "mas prefiro ver-vos ir com mensagens ao vosso país do que a minha própria gente, para que não sofram nenhum mau trato."

24 Então os nove voltaram até chegarem à Lochlann, onde estavam os homens dos fomorianos, e contaram-lhes a história do começo ao fim, e como um jovem rapaz de belas feições tinha vindo à Irlanda e matado todos os

cobradores de impostos menos eles, "e a razão por que nos deixou ir", disseram, "foi para que nós mesmos vos contássemos a história".

25 "Sabeis quem é o jovem?", disse então Balor do Olho Mau.

26 "Sei muito bem", disse Ceithlenn, a mulher dele; "é o filho da tua filha e minha. E foi predito", disse ela, "que, desde o tempo em que ele viesse à Irlanda, nunca mais teríamos poder lá."

27 Então os chefes dos fomorianos foram a um conselho: Eab, filho de Neid, e Seanchab, neto de Neid, e Sital Salmhor, e Liath, filho de Lobais, e os nove poetas dos fomorianos que tinham saber e o dom da presciência, e Lobais, o druida, e o próprio Balor com os seus doze filhos de boca branca, e Ceithlenn dos Dentes Tortos, a sua rainha.

28 E foi exatamente nesse tempo que Bres e o seu pai Elathan vieram pedir ajuda aos fomorianos, e Bres disse: "Eu mesmo irei à Irlanda, e sete grandes batalhões dos Cavaleiros dos fomorianos comigo, e darei batalha a esse Ildánach, esse mestre de todas as artes, e lhe cortarei a cabeça e a trarei aqui para vós, ao gramado de Berbhe." "Seria coisa digna de ti", disseram todos. "Que se aprontem os meus navios", disse Bres, "e que se ponham neles comida e provisões."

29 Então não se demoraram, mas foram aprontar os navios, e puseram neles comida e bebida em abundância, e os dois Luaths velozes foram mandados reunir o exército para Bres. E quando estavam todos reunidos, aprontaram as suas armaduras e as suas armas e partiram para a Irlanda.

30 E Balor, o rei, seguiu-os até o porto e disse: "Dai batalha àquele Ildánach e cortai-lhe a cabeça; e amarrai aquela ilha que se chama Irlanda à popa dos vossos navios, e que a água destruidora tome o seu lugar, e ponde-a ao

norte da Lochlann, e nem um dos Homens de Dea a seguirá até lá, até o fim da vida e do tempo."

31 Então empurraram os navios, içaram as velas pintadas e saíram do porto para o campo sem lavoura, pelas cristas do mar largo, e nunca se desviaram do seu curso até chegarem ao porto de Eas Dara. E dali mandaram um exército pelo oeste de Connacht e o destruíram de todo, de ponta a ponta. E o rei de Connacht naquele tempo era Bodb Dearg, filho do Dagda.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS FILHOS DE TUIREANN

✦

1 E Lugh da Longa Mão estava naquele tempo em Teamhair com o rei da Irlanda, e foi-lhe mostrado que os fomorianos tinham desembarcado em Eas Dara. E quando soube disso, aprontou o cavalo de Manannán, a Aonbharr, à hora da batalha do dia e da noite; e foi aonde estava Nuada, o rei, e lhe contou como os fomorianos tinham desembarcado em Eas Dara e devastado o país de Bodb Dearg; "e é isto o que quero", disse ele, "ter ajuda tua para lhes dar batalha."

1.2 Mas Nuada não estava disposto a vingar a destruição feita a Bodb Dearg e não a ele mesmo, e Lugh não ficou contente com a resposta e saiu cavalgando de Teamhair para o oeste. E logo viu três homens armados vindo na sua direção, o seu próprio pai Cian, com os irmãos Cu e Ceithen, que eram os três filhos de Cainte, e eles o saudaram.

1.3 "Qual é a causa de te levantares tão cedo?", disseram. "Tenho boa causa para isso", disse Lugh, "pois os fomorianos vieram à Irlanda e roubaram Bodb Dearg; e que ajuda me dareis contra eles?", disse ele.

2 "Cada um de nós afastará cem de ti na batalha", disseram eles. "Essa é uma boa ajuda", disse Lugh; "mas há uma ajuda que eu preferiria ter de vós: que me reunais os Cavaleiros dos Sidhe de todo lugar onde estejam."

3 Então Cu e Ceithen foram para o sul, e Cian partiu para o norte, e não parou até chegar à Planície de Muirthemne. E ao atravessar a planície viu diante de si três homens armados, que eram os três filhos de Tuireann, fi-

lho de Ogma. E era assim entre os três filhos de Tuireann e os três filhos de Cainte: havia ódio e inimizade entre eles, de modo que, sempre que se encontravam, era certo haver luta entre eles.

4 Então Cian disse: "Se os meus dois irmãos estivessem aqui, faríamos uma luta valente; mas, como não estão, é melhor eu recuar." Viu então uma grande vara de porcos perto de si, e golpeou-se com uma vara druídica que lhe deu a forma de um porco da vara, e começou a fuçar a terra como os outros.

5 Então Brian, um dos filhos de Tuireann, disse aos irmãos: "Vistes aquele homem armado que andava pela planície há pouco?" "Vimos", disseram eles. "Sabeis o que o levou embora?", disse Brian.

5.2 "Não sabemos", disseram eles. "É pena que não vigieis melhor as planícies do campo aberto em tempo de guerra", disse Brian; "e eu sei muito bem o que lhe aconteceu, pois ele se golpeou com a sua vara druídica e tomou a forma de um porco destes porcos, e está fuçando a terra agora como qualquer um deles; e, seja quem for, não é amigo nosso."

5.3 "Isso é mau para nós", disseram os outros dois, "pois os porcos pertencem a alguém dos Tuatha Dé Danann, e, mesmo que os matemos todos, o porco druídico pode acabar nos escapando."

6 "Mal aprendestes o vosso saber na cidade do saber", disse Brian, "já que não sabeis distinguir um animal encantado de um animal natural." E enquanto dizia isso, golpeou os dois irmãos com a sua vara druídica e os transformou em dois cães magros e velozes, e eles começaram a ganir agudamente no rastro do porco encantado.

7 E não demorou para que o porco saísse do meio dos outros, e nenhum dos outros fugiu, só ele, e correu para um bosque, e na beira do bosque Brian atirou a lança, que lhe atravessou o corpo. E o porco gritou e disse: "É coisa má o que fizeste, atirar em mim sabendo quem eu era."

7.2 "Parece-me que tens a fala de um homem", disse Brian. "Eu era um homem, de fato", disse ele; "sou Cian, filho de Cainte, e dá-me agora a tua proteção." "Juro pelos deuses do ar", disse Brian, "que, se a vida te voltasse sete vezes, eu ta tiraria todas as vezes."

7.3 "Se é assim", disse Cian, "concede-me um pedido: deixa-me voltar à minha própria forma." "Faremos isso", disse Brian, "pois para mim é mais fácil matar um homem do que um porco."

8 Então Cian tomou a sua própria forma e disse: "Tende piedade de mim agora." "Não teremos", disse Brian. "Pois bem, mesmo assim levei a melhor sobre vós", disse Cian; "pois, se me tivésseis matado em forma de porco, haveria sobre mim só o preço de sangue de um porco; mas, como me matareis na minha própria forma, nunca houve nem haverá pessoa morta por quem se pague multa mais pesada do que por mim. E as armas com que me matardes", disse ele, "são elas que contarão o feito ao meu filho."

9 "Não é com armas que serás morto, mas com as pedras que estão no chão", disse Brian. E com isso o apedrejaram, com fúria e brutalidade, até que tudo o que restou dele foi um monte pobre, miserável e quebrado; e o enterraram na profundidade do corpo de um homem, e a terra não quis receber deles aquele assassinato, mas o lançou para fora de novo.

9.2 Brian disse que devia ir para a terra de novo, e o puseram lá a segunda vez, e a segunda vez a terra não o aceitou. E seis vezes os filhos de Tuireann enterraram o corpo, e seis vezes ele foi lançado para fora; mas na

sétima vez que foi posto debaixo da terra, a terra o guardou. E então foram juntar-se a Lugh da Longa Mão para a batalha.

10 Ora, quanto a Lugh: ao se separar do pai, seguiu de Teamhair para o oeste, até as colinas que depois se chamaram Gairech e Ilgairech, e ao vau do Shannon que hoje se chama Athluain, e a Bearna nah-Eadargana, a Brecha da Separação, e por Magh Luirg, a Planície do Rastro, e a Corr Slieve na Seaghsa, a Montanha Redonda da Fonte do Poeta, e ao alto de Sean-Slieve, e pelo lugar do Corann de face clara, e dali a Magh Mor an Aonaigh, a Grande Planície da Feira, onde estavam os fomorianos com os despojos de Connacht.

11 Foi então que Bres, filho de Elathan, se levantou e disse: "É uma maravilha para mim o sol nascer no oeste hoje, quando nasce no leste todos os outros dias." "Seria melhor para nós que fosse o sol", disseram os druidas. "Que outra coisa é?", disse ele. "É o brilho do rosto de Lugh, filho de Ethlinn", disseram eles.

12 Lugh chegou então até eles e os saudou. "Por que vens a nós como amigo?", disseram eles. "Há boa causa para isso", disse ele, "pois só uma metade de mim é dos Tuatha Dé Danann, e a outra metade é vossa. E devolvei-me agora as vacas leiteiras dos homens da Irlanda", disse ele. "Que não te venha cedo a boa sorte até conseguires aqui uma vaca, seca ou leiteira", disse um homem deles, com raiva.

13 Mas Lugh ficou perto deles três dias e três noites, e no fim desse tempo os Cavaleiros dos Sidhe vieram até ele. E Bodb Dearg, filho do Dagda, veio com dois mil e novecentos homens e disse:

14 "Qual é a causa da tua demora em dar batalha?"

15 "Estava esperando por ti", disse Lugh.

16 Então os reis e os chefes dos homens da Irlanda vestiram as suas armaduras, ergueram as pontas das lanças acima da cabeça e fizeram muralhas cerradas com os escudos. E atacaram os seus inimigos em Magh Mor an Aonaigh, e os inimigos lhes responderam, e atiraram uns nos outros as suas lanças sibilantes, e quando as lanças se quebraram, tiraram as espadas das bainhas de bordas azuis e começaram a golpear-se, e matagais de chamas castanhas ergueram-se acima deles pela fúria das suas armas de muitos fios.

17 E Lugh viu o cercado de batalha onde estava Bres, filho de Elathan, e fez um ataque feroz contra ele e contra os homens que o guardavam, até acabar com duzentos deles.

18 Quando Bres viu isso, entregou-se à proteção de Lugh. "Dá-me a vida desta vez", disse ele, "e trarei toda a raça dos fomorianos para resolver isso contigo numa grande batalha; e comprometo-me com isso pelo sol e pela lua, pelo mar e pela terra", disse ele.

19 Com isso Lugh lhe deu a vida, e então os druidas que estavam com ele pediram proteção para si. "Pela minha palavra", disse Lugh, "se toda a raça dos fomorianos ficasse sob a minha proteção, não seria destruída por mim." Então Bres e os druidas partiram para o seu próprio país.

20 Ora, quanto a Lugh e aos filhos de Tuireann. Depois da batalha de Magh Mor an Aonaigh, ele encontrou dois parentes seus e lhes perguntou se tinham visto o seu pai na luta. "Não vimos", disseram eles. "Tenho certeza de que ele não está vivo", disse Lugh; "e dou a minha palavra", disse ele, "de que não entrará comida nem bebida na minha boca até eu saber de que morte o meu pai morreu."

21 Então partiu, e os Cavaleiros dos Sidhe atrás dele, até chegarem ao lugar onde ele e o pai se tinham separado, e dali ao lugar onde o pai tomara a forma de um porco quando viu os filhos de Tuireann.

22 E quando Lugh chegou àquele lugar, a terra lhe falou e disse: "Foi em grande perigo que o teu pai esteve aqui, Lugh, quando viu diante de si os filhos de Tuireann, e teve de tomar a forma de um porco, mas foi na sua própria forma que o mataram."

23 Então Lugh contou isso à sua gente, e achou o lugar onde o pai estava enterrado, e mandou-os cavar ali, para saber de que morte os filhos de Tuireann o tinham feito morrer.

24 Então tiraram o corpo da cova e o olharam, e ele era todo um leito de feridas. E Lugh disse: "Foi a morte de um inimigo que os filhos de Tuireann deram ao meu querido pai."

24.2 E deu-lhe três beijos, e foi isto o que disse: "É mau o estado em que estou depois desta morte, pois não consigo ouvir nada com os ouvidos, nem ver nada com os olhos, e não há um pulso vivo no meu coração, de dor pelo meu pai. E vós, deuses que venero", disse ele, "é pena que eu não tenha vindo aqui quando isto foi feito.

24.3 E é uma grande coisa o que se fez aqui", disse ele, "o povo dos deuses de Dana ter feito traição uns contra os outros, e por muito tempo estarão em perda por isso e enfraquecidos por isso. E a Irlanda nunca mais estará livre de problemas daqui em diante, a leste e a oeste", disse ele.

25 Então puseram Cian debaixo da terra de novo, e depois disso fez-se o pranto sobre o seu túmulo, e ergueu-se uma pedra sobre ele, e escreveu-se o seu nome em ogam. E Lugh disse: "Esta colina tomará o nome de Cian,

embora ele mesmo esteja despojado e quebrado.

25.2 E foram os filhos de Tuireann que fizeram isto", disse ele, "e cairão sobre eles dor e angústia por causa disso, e sobre os seus filhos depois deles. E não é história mentirosa a que vos conto", disse ele; "e é pena o estado em que estou, e o meu coração está partido no peito, já que Cian, o homem valente, não está vivo."

26 Então mandou a sua gente ir à frente dele para Teamhair: "Mas não conteis a história até que eu mesmo a conte", disse ele.

27 E quando Lugh chegou a Teamhair, sentou-se no trono alto do rei, olhou à sua volta e viu os três filhos de Tuireann. E esses eram os três que estavam acima de todos os outros em Teamhair naquele tempo em rapidez e habilidade, em boa mão na batalha, em beleza e em nome honrado.

28 Então Lugh mandou a sua gente sacudir a corrente do silêncio, e eles o fizeram, e todos escutaram. E Lugh disse: "Em que estão fixas as vossas mentes neste momento, Homens de Dea?" "Em ti, de fato", disseram eles. "Tenho uma pergunta a vos fazer", disse ele. "Que vingança tomaria cada um de vós do homem que matasse o vosso pai?"

29 Houve grande espanto entre eles quando ouviram isso, e um dos chefes disse: "Diz-nos: foi o teu próprio pai que foi morto?" "Foi, de fato", disse Lugh; "e vejo agora nesta casa", disse ele, "os homens que o mataram, e eles mesmos sabem como o mataram melhor do que eu." Então o rei disse: "Não é a morte de um só dia que eu daria ao homem que matasse o meu pai, se estivesse em meu poder, mas cortar-lhe um membro a cada dia até acabar com ele." Todos os chefes disseram o mesmo, e os filhos de Tuireann como os outros.

30 "Estão dando essa resposta", disse Lugh, "os três homens que mataram o meu pai; e que paguem agora a multa por ele, já que estais todos reunidos no mesmo lugar. E se não quiserem", disse ele, "não quebrarei a proteção da casa do rei, mas não devem tentar sair desta casa até terem acertado contas comigo."

31 "Se fosse eu mesmo quem tivesse matado o teu pai", disse o rei, "ficaria muito contente que aceitasses de mim uma multa por ele."

32 "É para nós que Lugh está dizendo tudo isso", disseram os filhos de Tuireann entre si. "Confessemos-lhe a morte do pai dele", disseram Iuchar e Iucharba. "Tenho medo", disse Brian, "de que ele queira uma confissão nossa, na presença de todos os outros, e que depois não nos deixe sair com uma multa." "É melhor confessar", disseram os outros; "e fala tu, já que és o mais velho."

33 Então Brian, filho de Tuireann, disse: "É para nós que estás falando, Lugh, pois pensas que fomos contra os filhos de Cainte antes de agora; e nós não matamos o teu pai", disse ele, "mas pagaremos a multa por ele como se o tivéssemos matado."

33.2 "Aceitarei de vós uma multa em que não pensais", disse Lugh, "e direi aqui qual é, e, se for demais para vós, perdoarei uma parte dela." "Que a ouçamos de ti", disseram eles.

33.3 "Aqui está", disse Lugh: "três maçãs, e a pele de um porco, e uma lança, e dois cavalos, e um carro, e sete porcos, e um filhote de cão, e um espeto de cozinha, e três gritos numa colina. Essa é a multa que peço", disse ele; "e, se for demais para vós, uma parte dela vos será tirada logo, e, se não achardes demais, pagai-a."

34 "Não é demais", disse Brian, "nem cem vezes isso seria demais. E achamos provável", disse ele, "por ser tão pequena, que tens alguma traição contra nós por trás dela."

34.2 "Não acho a multa pequena demais", disse Lugh; "e vos dou a garantia dos Tuatha Dé Danann de que não pedirei outra coisa, e serei fiel a vós, e dai-me vós a mesma garantia."

34.3 "É pena que peças isso", disse Brian, "pois a nossa própria palavra é tão boa quanto qualquer palavra do mundo." "A vossa própria palavra não basta", disse Lugh, "pois muitas vezes gente como vós prometeu pagar uma multa desse jeito e depois tentou fugir dela."

35 Então os filhos de Tuireann se comprometeram pelo rei da Irlanda, e por Bodb Dearg, filho do Dagda, e pelos chefes dos Tuatha Dé Danann, a pagar aquela multa a Lugh.

36 "Seria bom agora", disse Lugh, "dar-vos melhor conhecimento da multa." "Seria bom, de fato", disseram eles.

37 "É assim, então", disse Lugh. "As três maçãs que vos pedi são as três maçãs do Jardim no Oriente do Mundo, e nenhuma outra maçã servirá senão essas, pois são as mais belas e as de mais virtude de todas as maçãs do mundo.

37.2 E é assim que são: têm a cor do ouro queimado, são do tamanho da cabeça de uma criança de um mês, têm gosto de mel, não deixam a dor das feridas nem o tormento da doença em quem as come, e não diminuem por mais que sejam comidas para sempre.

37.3 E a pele que vos pedi", disse ele, "é a pele de porco de Tuis, rei da Grécia, e ela cura todas as feridas e todas as doenças do mundo, e, em qualquer perigo em que um homem esteja, contanto que ainda alcance a vida

nele, ela o cura; e era assim com aquele porco: toda corrente de água por onde passava virava vinho até o fim de nove dias depois, e toda ferida que tocava sarava; e foi isto o que disseram os druidas da Grécia: que não era nele mesmo que estava essa virtude, mas na pele, e o esfolaram, e a pele está lá desde então. E acho também que não será fácil para vós consegui-la, com licença ou sem ela."

38 "E sabeis que lança é essa que vos peço?", disse ele. "Não sabemos", disseram eles. "É uma lança mortalíssima que pertence ao rei da Pérsia, chama-se Luin, e toda coisa escolhida se faz com ela, e a sua ponta é mantida mergulhada num vaso de água, para que não queime o lugar onde está, e será difícil consegui-la. E sabeis que dois cavalos e que carro vos peço?

38.2 São o carro e os dois cavalos maravilhosos de Dobar, rei de Siogair, e o mar é para eles o mesmo que a terra, e não há cavalos mais rápidos que eles, e não há carro igual àquele em forma e em força.

39 "E sabeis que sete porcos vos pedi? São os porcos de Easal, rei das Colunas de Ouro; e, embora sejam mortos todas as noites, são achados vivos de novo no dia seguinte, e não haverá doença nem enfermidade em quem comer uma parte deles.

40 "E o filhote que vos pedi é Fail-Inis, a cadela que pertence ao rei de Ioruaidh, o País Frio. E todos os animais selvagens do mundo cairiam por terra à vista dela, e ela é mais bela que o sol nas suas rodas de fogo, e será difícil consegui-la.

41 "E o espeto de cozinha que vos pedi é um dos espetos das mulheres de Inis Cenn-fhinne, a Ilha de Caer dos Cabelos Claros. E os três gritos que haveis de dar numa colina devem ser dados na Colina de Miochaoin, no

norte da Lochlann.

41.2 E Miochaoin e os seus filhos estão obrigados a não deixar que se deem gritos naquela colina; e foi com eles que o meu pai aprendeu o seu saber, e, ainda que eu vos perdoasse a morte dele, eles não vos perdoariam. E se passardes por todas as vossas outras viagens antes de chegardes a eles, é minha opinião que eles mesmos o vingarão em vós. E essa é a multa que vos pedi", disse Lugh.

42 Houve silêncio e escuridão nos filhos de Tuireann quando ouviram isso. E foram aonde estava o pai deles e lhe contaram a multa que lhes tinha sido imposta. "Essa é uma má notícia", disse Tuireann; "e é para a vossa morte e a vossa destruição que ireis procurando essas coisas.

42.2 Mas, mesmo assim, se o próprio Lugh tivesse vontade de vos ajudar, poderíeis cumprir a multa, e todos os homens do mundo não o conseguiriam senão pelo poder de Manannán ou de Lugh.

42.3 Ide, então, e pedi a Lugh o empréstimo do cavalo de Manannán, a Aonbharr, e, se ele tiver algum desejo de receber a multa, vo-lo dará; mas, se não o desejar, dirá que o cavalo não é dele e que não daria o empréstimo de um empréstimo. Pedi-lhe então o empréstimo do currach de Manannán, a Scuabtuinne, a Varredora das Ondas.

42.4 E esse ele dará, pois está obrigado a não recusar um segundo pedido, e o currach é melhor para vós que o cavalo", disse ele.

43 Então os filhos de Tuireann foram aonde estava Lugh, saudaram-no e disseram que não poderiam trazer-lhe a multa sem a ajuda dele, e que por isso seria bom para eles ter o empréstimo da Aonbharr. "Eu mesmo só tenho esse cavalo emprestado", disse Lugh, "e não darei o empréstimo de um empréstimo."

44 "Se é assim, empresta-nos o currach de Manannán", disse Brian. "Esse eu darei", disse Lugh. "Em que lugar está?", disseram eles. "Em Brugh na Boinn", disse Lugh.

45 Então voltaram aonde estava Tuireann, e a filha dele, Ethne, irmã deles, com ele, e lhe disseram que tinham conseguido o currach. "Não ficareis muito melhor por isso", disse Tuireann, "embora Lugh gostasse muito de conseguir, antes da batalha com os fomorianos, cada parte desta multa de que pudesse fazer uso. Mas ele gostaria que vós mesmos encontrásseis a morte procurando-a."

46 Então foram-se embora e deixaram Tuireann triste e lamentando-se, e Ethne foi com eles até onde estava o currach. E Brian entrou nele e disse: "Só há lugar para mais uma pessoa aqui comigo." E começou a criticar a estreiteza dele.

46.2 "Não devias criticar o currach", disse Ethne; "e, ó meu querido irmão", disse ela, "foi uma coisa má o que fizeste, matar o pai de Lugh da Longa Mão; e, seja qual for o mal que te venha disso, é justo."

46.3 "Não digas isso, Ethne", disseram eles, "pois estamos de bom ânimo e faremos feitos valentes. E preferiríamos ser mortos cem vezes", disseram, "a encontrar a morte dos covardes."

46.4 "Ai de mim", disse Ethne, "não há nada mais triste do que isto: ver-vos expulsos do vosso próprio país."

47 Então os três empurraram o currach da bela praia de baías claras da Irlanda. "Que rumo tomaremos primeiro?", disseram. "Iremos procurar as maçãs", disse Brian, "já que foram a primeira coisa que nos mandaram trazer. E assim te pedimos, currach de Manannán que estás debaixo de nós, que navegues até o Jardim no Oriente do Mundo."

48 E o currach não descuidou daquela ordem, mas navegou adiante pelas ondas de flancos verdes e pelos lugares fundos até chegar ao seu porto no oriente do mundo.

49 E então Brian perguntou aos irmãos: "De que modo pensais entrar no jardim? Pois acho", disse ele, "que os campeões do rei e os guerreiros do país estão sempre guardando-o, e o próprio rei é o chefe deles."

49.2 "Que havemos de fazer", disseram os irmãos, "senão ir direto contra eles e atacá-los, e levar as maçãs ou cair nós mesmos, já que não podemos escapar destes perigos que estão diante de nós sem encontrar a morte nalgum lugar?"

49.3 "Seria melhor", disse Brian, "que a história da nossa coragem e da nossa astúcia fosse contada e vivesse depois de nós, do que contarem de nós loucura e covardia.

49.4 E o melhor que temos a fazer agora", disse ele, "é ir em forma de falcões velozes ao jardim, e os vigias só têm as suas lanças leves para nos atirar, e tende bom cuidado de ficar fora do alcance delas; e depois que as tiverem atirado todas, voai depressa até as maçãs, e que cada um de vós leve uma maçã nas garras, e eu levarei a terceira."

50 Disseram que aquele era um bom conselho, e Brian golpeou-se a si e aos outros com a sua vara druídica e os transformou em belos falcões. E voaram para o jardim, e os vigias os perceberam e gritaram de todos os lados, e atiraram chuvas de lanças e dardos, mas os falcões ficaram fora do alcance, como Brian lhes mandara, até que todas as lanças se gastaram, e então mergulharam com coragem sobre as maçãs e as levaram, sem uma única ferida.

51 E a notícia correu pela cidade e por toda a região, e o rei tinha três filhas sábias e astutas, e elas tomaram a forma de três águias-pescadoras e seguiram os falcões até o mar, e mandaram relâmpagos à frente e atrás deles, que os queimaram muito.

52 "É pena o estado em que estamos agora", disseram os filhos de Tuireann, "pois seremos queimados de lado a lado por estes relâmpagos se não tivermos algum alívio." "Se eu puder vos dar alívio, darei", disse Brian. Com isso golpeou-se a si e aos irmãos com a vara druídica, e eles viraram três cisnes, e mergulharam depressa no mar, e as águias-pescadoras foram-se então embora, e os filhos de Tuireann entraram no seu barco.

53 Depois disso aconselharam-se juntos, e foi isto o que combinaram: ir à Grécia e trazer a pele do porco, com licença ou sem ela. Então seguiram adiante até chegarem perto da corte do rei da Grécia.

54 "Que aparência tomaremos para entrar aqui?", disse Brian. "Que aparência havemos de ter senão a nossa?", disseram os outros. "Não é o que acho melhor", disse Brian; "mas entrar com a aparência de poetas da Irlanda, para que a gente nobre da Grécia nos tenha em respeito e em honra." "Seria difícil para nós fazer isso", disseram, "sem um poema, e pouco sabemos fazer um."

55 Mesmo assim puseram no cabelo o laço de poeta, e bateram à porta da corte, e o porteiro perguntou quem estava ali. "Somos poetas da Irlanda", disse Brian, "e viemos com um poema para o rei."

56 O porteiro entrou e disse ao rei que havia poetas da Irlanda à porta. "Deixai-os entrar", disse o rei, "pois foi em busca de um homem bom que vieram de tão longe do seu país." E o rei deu ordem de que tudo fosse bem

arrumado na corte, para que dissessem que não tinham visto lugar tão grandioso em todas as suas viagens.

57 Os filhos de Tuireann foram então deixados entrar, com a aparência de poetas, e puseram-se a beber e a se divertir sem demora; e pensaram que nunca tinham visto, e que não havia no mundo, uma corte tão boa, nem uma casa tão grande, nem um lugar onde tivessem sido mais bem tratados.

58 Então os poetas do rei se levantaram para recitar os seus poemas e as suas canções. E então Brian, filho de Tuireann, mandou os irmãos dizerem um poema para o rei.

58.2 "Não temos poema", disseram eles; "e não nos peças poema algum senão o que já sabemos, que é tomar o que queremos pela força da nossa mão, se formos os mais fortes, ou cair pelos que estão contra nós, se eles forem os mais fortes."

58.3 "Esse não é um bom jeito de fazer um poema", disse Brian. E com isso levantou-se ele mesmo e pediu que o ouvissem. E todos o escutaram, e foi isto o que disse:

59 "Ó Tuis, não escondemos a tua fama; louvamos-te como o carvalho entre os reis; a pele de um porco, generosidade sem dureza, essa é a recompensa que peço por isso.

60 "A guerra de um vizinho contra uma orelha; a bela orelha do seu vizinho estará contra ele; quem nos dá o que possui, a sua corte não ficará mais pobre por isso.

61 "Um exército furioso e um mar repentino são perigo para quem vai contra eles. A pele de um porco, generosidade sem dureza, essa é a recompensa que peço, ó Tuis."

62 "É um bom poema", disse o rei; "mas não sei uma palavra do seu sentido." "Eu te direi o sentido", disse Brian. "'Ó Tuis, não escondemos a tua fama; louvamos-te como o carvalho acima dos reis.' Isto é: assim como o carvalho está acima das árvores reais do bosque, assim estás tu acima dos reis do mundo em generosidade e em grandeza.

63 "'A pele de um porco, generosidade sem dureza.' Isto é: a pele de um porco que possuis é o que eu gostaria de receber de ti como recompensa pelo meu poema.

64 "'A guerra de um vizinho contra uma orelha, a bela orelha do seu vizinho estará contra ele.' Isto é: tu e eu brigaremos por causa da pele, a não ser que eu a consiga com o teu consentimento.

65 "E esse é o sentido do poema", disse Brian.

66 "Eu louvaria o teu poema", disse o rei, "se não houvesse tanto sobre a minha pele de porco nele; e não tens bom senso, homem de poesia", disse ele, "em me pedir essa coisa, e eu não a daria a todos os poetas, sábios e grandes homens do mundo, já que não poderiam levá-la sem o meu consentimento. Mas te darei três vezes a pele cheia de ouro como preço do teu poema", disse ele.

67 "Que o bem esteja contigo, rei", disse Brian, "e sei muito bem que não era coisa fácil o que eu pedia, mas sabia que teria por ela um bom resgate. E sou tão cobiçoso", disse ele, "que não ficarei satisfeito sem ver eu mesmo o ouro medido dentro da pele."

68 O rei mandou então os seus servos com eles à casa do tesouro para medir o ouro. "Medi primeiro a medida cheia para os meus irmãos", disse Brian, "e depois dai boa medida para mim, já que fui eu que fiz o poema."

69 Mas quando a pele foi trazida, Brian deu-lhe um bote rápido e repentino com a mão esquerda, tirou a espada e deu um golpe no homem mais perto dele, e fez dele duas metades. E então segurou a pele e a pôs em volta de si, e os três saíram correndo da corte, derrubando todo homem armado diante deles, de modo que nenhum escapou da morte ou da ferida.

69.2 E então Brian foi aonde estava o próprio rei, e o rei não demorou a atacá-lo, e travaram uma luta dura, e no fim o rei da Grécia caiu pela mão de Brian, filho de Tuireann.

70 Os três irmãos descansaram um pouco depois disso, e então disseram que iriam procurar alguma outra parte da multa. "Iremos a Pisear, rei da Pérsia", disse Brian, "e lhe pediremos a lança."

71 Então entraram no barco e deixaram as correntes azuis da costa da Grécia, e disseram: "Estamos bem, já que temos as maçãs e a pele." E não pararam em lugar algum até chegarem às fronteiras da Pérsia.

72 "Vamos à corte com a aparência de poetas", disse Brian, "como fomos ao rei da Grécia." "Estamos de acordo", disseram os outros, "já que tudo saiu tão bem da última vez que nos pusemos à poesia; não que seja fácil para nós tomar um ofício que não é o nosso."

73 Então puseram no cabelo o laço de poeta, e foram tão bem tratados quanto na outra corte; e quando chegou a hora dos poemas, Brian levantou-se, e foi isto o que disse:

74 "Pouco parece qualquer lança a Pisear; as batalhas dos inimigos são quebradas, não é demais para Pisear ferir cada um deles.

75 "Um teixo, o mais belo do bosque, é chamado rei, não é volumoso. Que a lança leve a multidão inteira às suas feridas de morte."

76 "É um bom poema", disse o rei, "mas não entendo por que a minha própria lança entra nele, ó Homem de Poesia da Irlanda."

77 "É porque é essa tua própria lança que eu gostaria de receber como recompensa do meu poema", disse Brian. "Pouco juízo tens em me pedir isso", disse o rei; "e a gente da minha corte nunca mostrou maior respeito pela poesia do que agora, quando não te mataram ali mesmo."

78 Quando Brian ouviu aquela fala do rei, lembrou-se da maçã que tinha na mão, fez um arremesso certeiro e acertou-o na testa, de modo que os miolos lhe saíram pela nuca, e desembainhou a espada e atacou a gente à volta dele. E os outros dois não deixaram de fazer o mesmo, e deram-lhe ajuda valente até acabarem com todos os que encontraram da gente da corte. E então acharam a lança, com a ponta num caldeirão de água, para que não pusesse fogo no lugar.

79 E depois de algum tempo disseram que era hora de irem procurar o resto da grande multa que pesava sobre eles, e perguntaram uns aos outros que caminho tomariam. "Iremos ao rei da Ilha de Siogair", disse Brian, "pois é com ele que estão os dois cavalos e o carro que o Ildánach nos pediu."

80 Seguiram então adiante e levaram a lança consigo, e orgulhosos estavam os três campeões depois de tudo o que tinham feito. E seguiram até chegarem à corte do rei de Siogair.

81 "É isto o que faremos desta vez", disse Brian: "entraremos com a aparência de soldados pagos da Irlanda, e faremos amizade com o rei, para sabermos em que lugar se guardam os cavalos e o carro." E quando combinaram isso, seguiram para o gramado diante da casa do rei.

82 O rei e os chefes que estavam com ele levantaram-se e vieram pela feira que acontecia ali, e eles saudaram o rei, e ele perguntou quem eram. "Somos guerreiros treinados da Irlanda", disseram eles, "e ganhamos soldo dos reis do mundo." "É vosso desejo ficar comigo por algum tempo?", disse o rei. "É o que queremos", disseram eles. Então fizeram um acordo e entraram ao seu serviço.

83 Ficaram na corte uma quinzena e um mês, e nunca viram os cavalos durante esse tempo. Então Brian disse: "É mau o estado em que estamos: não ter mais notícia dos cavalos agora do que no primeiro dia em que chegamos ao lugar." "O que é melhor fazermos agora?", disseram os irmãos. "Façamos isto", disse Brian: "peguemos as nossas armas, juntemos as nossas coisas e vamos ao rei dizer-lhe que deixaremos o país e esta parte do mundo, a não ser que ele nos mostre aqueles cavalos."

84 Então foram ao rei naquele mesmo dia, e ele lhes perguntou o que queriam dizer aprontando-se para uma viagem. "Vais ouvir, grande rei", disse Brian; "é porque os guerreiros treinados da Irlanda, como nós, sempre recebem a confiança dos reis que guardam, e estamos acostumados a saber os segredos e os sussurros de quem quer que estejamos servindo, e não é assim que nos trataste desde que viemos a ti.

84.2 Pois tens dois cavalos e um carro que são os melhores do mundo, como nos disseram, e ainda não nos deixaste vê-los." "Seria pena que fôsseis por isso", disse o rei, "quando eu vo-los teria mostrado no primeiro dia, se soubesse que tínheis vontade de vê-los.

84.3 E se tendes vontade de vê-los agora", disse ele, "podeis vê-los; pois acho que nunca vieram a este lugar soldados da Irlanda mais estimados por mim e pela minha gente do que vós."

85 Mandou então buscar os cavalos, e eles foram atrelados ao carro, e a sua corrida era tão rápida quanto o vento frio da primavera, e o mar era para eles o mesmo que a terra.

86 E Brian observava os cavalos de perto, e subitamente agarrou o carro, tirou o condutor de dentro e o arremessou contra a rocha mais próxima, e saltou ele mesmo para o lugar dele, e atirou a lança persa no rei, que lhe atravessou o coração. E então ele e os irmãos dispersaram a gente diante deles e levaram o carro.

87 "Iremos agora a Easal, rei das Colunas de Ouro", disse Brian, "procurar os sete porcos que o Ildánach nos mandou trazer-lhe."

88 Navegaram então sem demora nem tropeço até aquele país alto. E era assim que estava a gente daquele país: vigiando os seus portos por medo dos filhos de Tuireann, pois a história deles tinha sido contada por toda parte, como tinham sido mandados para fora da Irlanda à força e como iam levando consigo todos os tesouros preciosos do mundo inteiro.

89 Easal veio à beira do porto ao encontro deles e perguntou se era verdade o que ouvira: que o rei de cada país aonde tinham ido caíra por eles. Brian disse que era verdade, fosse o que fosse que ele quisesse fazer-lhes por isso. "O que vos levou a fazer isso?", disse Easal. Brian lhe contou então que fora a opressão e a dura sentença de outro que os obrigara a isso; e contou-lhe tudo o que tinha acontecido, e como tinham derrubado todos os que se ofereceram para lhes fazer frente até então.

90 "Para que viestes a este país agora?", disse o rei. "Pelos porcos que te pertencem", disse Brian; "pois levá-los conosco é parte da multa." "De que modo pensais consegui-los?", disse o rei.

90.2 "Se os conseguirmos de boa vontade", disse Brian, "estamos prontos a aceitá-los com gratidão; e, se não, estamos prontos a dar batalha a ti e à tua gente por causa deles, para que caias por nós e levemos os porcos apesar de ti."

90.3 "Se é para acabar assim", disse o rei, "seria pena levar a minha gente a uma batalha." "Seria pena, de fato", disse Brian.

91 Então o rei cochichou e pediu conselho à sua gente sobre o assunto, e foi isto o que combinaram: entregar os porcos de livre vontade aos filhos de Tuireann, já que não viam que alguém tivesse conseguido resistir a eles até então.

92 Então os filhos de Tuireann agradeceram a Easal, e ficaram admirados de terem conseguido os porcos daquele jeito, quando tinham de lutar por todas as outras partes da multa. E, mais que isso, tinham deixado uma parte do seu sangue em todos os outros lugares até então.

93 Easal levou-os à sua própria casa naquela noite, e serviram-lhes comida, bebida, boas camas e tudo o que pudessem desejar. E levantaram-se no dia seguinte e foram à presença do rei, e os porcos lhes foram dados. "Fizeste bem conosco dando-nos estes porcos", disse Brian, "pois não conseguimos nenhuma parte da multa sem lutar senão só estes." E fez então um poema para o rei, louvando-o e dando-lhe grande fama pelo que tinha feito.

94 "Que viagem ides fazer agora, filhos de Tuireann?", disse Easal. "Vamos", disseram eles, "ao país de Ioruaidh, por causa de uma cadela que está lá." "Concedei-me um pedido", disse Easal, "e é que me leveis convosco ao rei

de Ioruaidh, pois uma filha minha é mulher dele, e eu gostaria de convencê-lo a dar-vos a cadela sem batalha." "Isso nos agradará muito", disseram eles.

95 Então aprontou-se o navio do rei, e não sabemos o que aconteceu até chegarem à deliciosa e maravilhosa costa de Ioruaidh. O povo e os exércitos vigiavam os portos e os desembarcadouros à espera deles, e os reconheceram logo e gritaram contra eles.

96 Então Easal desembarcou em paz e foi aonde estava o seu genro, o rei, e lhe contou a história dos filhos de Tuireann do começo ao fim. "O que os trouxe a este país?", disse o rei de Ioruaidh.

96.2 "Pedir a cadela que tens", disse Easal. "Foi um mau pensamento o teu, vir com eles pedi-la", disse o rei, "pois os deuses não deram tanta sorte a três campeões no mundo que conseguissem a minha cadela à força ou de boa vontade."

96.3 "Seria melhor para ti deixá-los ficar com a cadela", disse Easal, "já que derrubaram tantos reis do mundo."

97 Mas tudo o que ele dizia era só vaidade para o rei. Então foi aonde estavam os filhos de Tuireann e lhes deu todo o relato. E quando ouviram a resposta do rei, não se demoraram, mas puseram mãos rápidas nas armas e ofereceram batalha ao exército de Ioruaidh. E quando se encontraram, travou-se uma batalha valente dos dois lados.

97.2 E quanto aos filhos de Tuireann, começaram a matar e a golpear os homens de Ioruaidh até se separarem uns dos outros na luta, de modo que Iuchar e Iucharba ficaram por acaso de um lado e Brian sozinho do outro.

Uma brecha de perigo e uma quebra de fileiras havia diante de Brian em cada caminho que tomava, até chegar ao rei de Ioruaidh no cercado de batalha onde ele estava.

97.3 E então os dois campeões valentes começaram uma luta feroz, e não se pouparam. E por fim Brian venceu o rei, amarrou-o e o levou pelo meio do exército até chegar ao lugar onde estava Easal, e foi isto o que disse: "Aí tens o teu genro, e juro pela minha mão de valor que acharia mais fácil matá-lo três vezes do que trazê-lo a ti uma vez assim."

98 Então a cadela foi dada aos filhos de Tuireann, e o rei foi desamarrado, e fez-se a paz entre eles. E quando terminaram tudo isso, despediram-se de Easal e de todos os outros.

99 Ora, quanto a Lugh da Longa Mão, foi-lhe mostrado que os filhos de Tuireann tinham conseguido todas as coisas de que ele precisava para a batalha com os fomorianos; e com isso mandou um encantamento druídico atrás deles para pôr neles esquecimento do resto da multa que não tinham conseguido. E pôs neles um grande desejo e saudade de voltar à Irlanda; então esqueceram que lhes faltava uma parte da multa e voltaram para casa.

100 E o lugar onde Lugh estava naquele tempo era uma reunião do povo para uma feira no gramado fora de Teamhair, e o rei da Irlanda com ele. E foi dado a saber a Lugh que os filhos de Tuireann tinham desembarcado em Brugh na Boinn. E ele entrou na cidade de Teamhair e fechou o portão atrás de si, e vestiu a armadura lisa de Manannán e o manto das filhas de Flidais, e pegou as suas próprias armas na mão.

101 E os filhos de Tuireann chegaram aonde estava o rei, e foram bem recebidos por ele e pelos Tuatha Dé Danann. E o rei lhes perguntou se tinham conseguido a multa. "Conseguimos", disseram eles; "e onde está Lugh, para que lha demos?" "Ele estava aqui há pouco", disse o rei. E procuraram-no pela feira inteira, mas não o acharam.

102 "Sei o lugar onde ele está", disse Brian; "pois lhe foi dado a saber que viemos à Irlanda, e estas armas mortais conosco, e ele entrou em Teamhair para nos evitar."

103 Mandaram-lhe então mensageiros, e a resposta que lhes deu foi que não viria, mas que a multa fosse dada ao rei.

104 Então os filhos de Tuireann fizeram isso, e quando o rei recebeu a multa, foram todos ao palácio em Teamhair; e Lugh saiu ao gramado e a multa lhe foi dada, e foi isto o que disse: "Há aqui um bom pagamento por qualquer um que jamais foi morto ou que jamais será morto. Mas ainda lhe falta uma coisa que não é lícito deixar de fora. E onde está o espeto de cozinha?", disse ele; "e onde estão os três gritos na colina que ainda não destes?"

105 E quando os filhos de Tuireann ouviram isso, vieram sobre eles nuvens de fraqueza. E deixaram o lugar e foram à casa do pai naquela noite, e contaram-lhe tudo o que tinham feito e o modo como Lugh os tratara.

106 Houve então tristeza e escuridão em Tuireann, e passaram a noite juntos. E no dia seguinte foram ao seu navio, e Ethne, a irmã deles, com eles, chorando e lamentando-se, e foi isto o que disse:

107 "É pena, Brian da minha vida, que não seja para Teamhair a tua ida, depois de todos os trabalhos que tiveste antes disto, ainda que eu não pudesse seguir-te.

108 "Ó Salmão do Boinn mudo, ó Salmão do rio Lifé, já que não posso guardar-te aqui, custa-me separar-me de ti.

109 "Ó Cavaleiro da Onda de Tuaidh, o homem que melhor se aguenta na luta, se voltares de novo, acho que não será do agrado do teu inimigo.

110 "Há pena em ti pelos filhos de Tuireann, apoiados agora nos seus escudos verdes? A ida deles é motivo de pena, a minha mente está cheia dela.

111 "Estares esta noite em Beinn Edair até a pesada chegada da manhã, tu que tomaste prendas de homens valentes, foste tu que aumentaste a nossa dor.

112 "É pena que a tua viagem seja para longe de Teamhair, e das planícies agradáveis, e da grande Uisnech de Midhe; não há nada tão lastimoso quanto isto."

113 Depois daquele lamento saíram pelas ondas ásperas do mar verde; e ficaram um quarto de ano no mar sem ter notícia da ilha.

114 Então Brian vestiu a sua roupa de água e deu um salto, e andou muito tempo pelo mar procurando a Ilha das Mulheres de Cabelos Claros, e achou-a por fim. E foi procurar a corte, e quando chegou a ela, tudo o que achou foi uma tropa de mulheres costurando e bordando barras. E entre todas as outras coisas que tinham consigo estava o espeto de cozinha.

115 E quando Brian o viu, pegou-o na mão e ia levá-lo consigo até a porta. E todas as mulheres começaram a rir quando o viram fazer isso, e foi isto o que disseram: "É um feito valente esse em que puseste a mão; pois, ainda que os teus irmãos estivessem contigo, a menor das três vezes cinquenta

mulheres que somos não deixaria o espeto ir contigo nem com eles. Mas, mesmo assim", disseram, "leva um dos espetos contigo, já que tiveste a ousadia de tentar levá-lo apesar de nós."

116 Brian despediu-se delas então e foi procurar o barco. E os irmãos acharam que ele estava longe deles tempo demais, e quando iam deixar o lugar onde estavam, viram-no vindo na sua direção, e isso lhes levantou muito o ânimo.

117 E ele entrou no barco, e foram procurar a Colina de Miochaoin. E quando chegaram lá, Miochaoin, que era o guardião da colina, veio ao encontro deles; e quando Brian o viu, atacou-o, e a luta daqueles dois campeões foi como a luta de dois leões, até que Miochaoin caiu por fim.

118 E depois que Miochaoin caiu, os seus três filhos saíram para lutar com os três filhos de Tuireann. E se alguém jamais veio do oriente do mundo para ver alguma luta, era para ver a luta desses campeões que tinha direito de vir, pela grandeza dos seus golpes e pela coragem das suas mentes.

118.2 Os nomes dos filhos de Miochaoin eram Core, Conn e Aedh, e eles cravaram as suas três lanças nos corpos dos filhos de Tuireann, e isso não os desanimou nada, e cravaram as suas próprias três lanças nos corpos dos filhos de Miochaoin, de modo que caíram nas nuvens e no desmaio da morte.

119 E então Brian disse: "Como estais agora, meus queridos irmãos?" "Estamos perto da morte", disseram eles. "Levantemo-nos", disse ele, "e demos três gritos na colina, pois vejo os sinais da morte vindo sobre nós." "Não so-

mos capazes de fazer isso", disseram eles. Então Brian levantou-se e ergueu cada um deles com uma mão, derramando muito sangue o tempo todo, até que deram os três gritos.

120 Depois disso Brian os levou consigo para o barco, e viajaram pelo mar muito tempo, mas por fim Brian disse: "Vejo Beinn Edair, e a fortaleza do nosso pai, e Teamhair dos Reis."

120.2 "Teríamos saúde de sobra se pudéssemos ver isso", disseram os outros; "e, pelo amor do teu bom nome, irmão", disseram, "ergue as nossas cabeças no teu peito até vermos a Irlanda de novo, e vida ou morte será para nós a mesma coisa depois disso.

120.3 E ó Brian", disseram, "Chama de Valor sem traição, preferiríamos que a morte nos levasse a nós a ver-te com feridas no corpo e sem médico que te cure."

121 Então chegaram a Beinn Edair, e dali seguiram para a casa do pai, e Brian disse a Tuireann: "Vai, querido pai, a Teamhair, dá este espeto a Lugh e traz a pele que tem a cura, para nosso alívio. Pede-lha pela amizade", disse ele, "pois somos do mesmo sangue, e que ele não pague dureza com dureza. E ó querido pai", disse ele, "não te demores na viagem, ou não nos acharás vivos à tua frente."

122 Então Tuireann foi a Teamhair, achou diante de si Lugh da Longa Mão, deu-lhe o espeto e pediu-lhe a pele para curar os seus filhos, e Lugh disse que não a daria. E Tuireann voltou até eles e lhes disse que não conseguira a pele. E Brian disse: "Leva-me contigo a Lugh, para ver se eu a consigo dele."

123 Então foram a Lugh, e Brian lhe pediu a pele. E Lugh disse que não a daria, e que, se lhe dessem por ela a largura da terra em ouro, não a aceitaria deles, a não ser que tivesse certeza de que a morte viria sobre eles em reparação pelo feito que tinham cometido.

124 Quando Brian ouviu isso, foi ao lugar onde estavam os dois irmãos, deitou-se entre eles, e a vida saiu dele, e dos outros dois ao mesmo tempo.

125 E o pai chorou e lamentou os seus três belos filhos, que tinham, cada um deles, a matéria de um rei da Irlanda, e a força o deixou e ele morreu; e foram enterrados na mesma cova.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A GRANDE BATALHA DE MAGH TUIREADH

✦

1 E não muito depois de Lugh receber a multa dos filhos de Tuireann, os fomorianos vieram e desembarcaram em Scetne.

2 Todo o exército dos fomorianos veio desta vez, e o seu rei, Balor dos Golpes Fortes e do Olho Mau, com eles; e Bres, e Indech, filho de De Domnann, um rei dos fomorianos, e Elathan, filho de Lobos, e Goll e Ingol, e Octriallach, filho de Indech, e Elathan, filho de Delbaeth.

3 Então Lugh mandou o Dagda espiar os fomorianos e retardá-los até que os homens da Irlanda viessem para a batalha.

4 Então o Dagda foi ao acampamento deles e pediu-lhes uma trégua, e disseram que ele podia tê-la. E então, para zombar dele, os fomorianos lhe fizeram um mingau, pois ele tinha grande amor por mingau.

4.2 Encheram então o caldeirão do rei com quatro vezes vinte galões de leite fresco, e o mesmo de farinha e gordura, e puseram dentro cabras, ovelhas e porcos junto com isso, e cozinharam tudo junto, e depois despejaram tudo num grande buraco no chão.

4.3 E chamaram-no então e disseram-lhe que comesse até se fartar, para que os fomorianos não fossem censurados por falta de hospitalidade como Bres foi. "Acabaremos contigo se deixares alguma parte disso", disse Indech, filho de De Domnann.

5 Então o Dagda pegou a concha, e era grande o bastante para um homem e uma mulher se deitarem dentro dela, e tirou pedaços com ela, e um pedaço seria metade de um porco salgado e um quarto de banha. "Se o mingau tiver o mesmo gosto bom que os pedaços, isto é boa comida", disse ele. E foi pondo a concha cheia na boca até o buraco ficar vazio; e quando tudo acabou, baixou a mão e raspou tudo o que sobrara entre a terra e o cascalho.

6 Veio-lhe então o sono depois de comer o mingau, e os fomorianos riam dele, pois a sua barriga era do tamanho do caldeirão de uma casa grande. Mas ele levantou-se depois de um tempo e, pesado como estava, foi para casa; e, de fato, a sua roupa não era nada bonita: uma capa até a dobra dos cotovelos, e um casaco pardo, comprido no peito e curto atrás, e nos pés sapatos rústicos de couro de cavalo, com o pelo para fora, e na mão um forcado de rodas que oito homens precisariam para carregar, de modo que o rastro que deixava atrás de si era fundo o bastante para a vala de divisa de uma província.

6.2 E no caminho viu a Corvo da Batalha, a Morrigu, lavando-se no rio Unius de Connacht, com um dos seus dois pés em Ullad Echne, ao sul da água, e o outro em Loscuinn, ao norte da água, e o cabelo caindo em nove tranças soltas. E ela disse ao Dagda que traria aos homens da Irlanda o sangue do coração de Indech, filho de De Domnann, que o ameaçara.

7 E enquanto ele estava fora, Lugh tinha reunido os druidas, os ferreiros, os médicos, os legisladores e os condutores de carros da Irlanda para fazer planos para a batalha.

8 E perguntou ao grande mago Mathgen o que poderia fazer para ajudá-los. "Isto é o que posso fazer", disse Mathgen: "pelo meu poder posso derrubar todas as montanhas da Irlanda sobre os fomorianos, até os seus cu-

mes rolarem pelo chão. E as doze principais montanhas da Irlanda vos trarão a sua ajuda", disse ele, "e lutarão por vós: Slieve Leag e Denda Ulad, e Bennai Boirche e Bri Ruri, e Slieve Bladma e Slieve Snechtae, e Slieve Mis e Blai-Slieve, e Nemthann e Slieve Macca Belgodon, e Segois e Cruachan Aigle."

9 Então perguntou aos copeiros que ajuda podiam dar. "Poremos uma sede forte nos fomorianos", disseram eles, "e então traremos diante deles os doze principais lagos da Irlanda, e por maior que seja a sua sede, não acharão água neles: Derc-Loch, Loch Luimnech, Loch Orbsen, Loch Righ, Loch Mescdhae, Loch Cuan, Loch Laeig, Loch Echach, Loch Febail, Loch Decket, Loch Riach, Mor-Loch.

9.2 E iremos", disseram, "aos doze principais rios da Irlanda: o Buas, o Boinn, o Banna, o Nem, o Laoi, o Sionnan, o Muaid, o Sligech, o Samair, o Fionn, o Ruirtech, o Siuir; e todos serão escondidos dos fomorianos, de modo que não acharão uma gota neles. Mas quanto aos homens da Irlanda", disseram, "haverá bebida para eles ainda que fiquem na batalha até o fim de sete anos."

10 E perguntaram então a Figol, filho de Mamos, o druida, o que faria, e ele disse: "Isto é o que farei: farei cair três chuvas de fogo no rosto do exército dos fomorianos, e lhes tirarei dois terços da sua coragem e da sua força, e porei doença nos seus corpos e nos corpos dos seus cavalos. Mas quanto aos homens da Irlanda", disse ele, "cada fôlego que tomarem será um aumento de força e de coragem para eles; e, se ficarem sete anos na batalha, nunca se cansarão de jeito nenhum."

11 Então Lugh perguntou às suas duas feiticeiras, Bechulle e Dianan: "Que poder podeis trazer à batalha?" "É fácil dizer", disseram elas. "Poremos encantamento nas árvores, nas pedras e nos torrões da terra, até se tornarem um exército armado contra os fomorianos, e porem terror neles e os porem em fuga."

12 Então Lugh perguntou a Carpre, o poeta, filho de Etain, o que podia fazer. "Não é difícil dizer", disse Carpre. "Farei uma sátira contra eles ao nascer do sol, com o vento do norte, estando eu no alto de uma colina e de costas para um espinheiro, com uma pedra e um espinho na mão. E com essa sátira", disse ele, "porei vergonha e encantamento neles, de modo que não poderão resistir a homens de luta."

13 Então perguntou a Goibniu, o Ferreiro, o que seria capaz de fazer. "Farei isto", disse ele. "Se os homens da Irlanda ficarem na batalha até o fim de sete anos, para cada espada que se quebrar e para cada lança que se perder da sua haste, porei uma nova no lugar. E nenhuma ponta de lança feita pela minha mão", disse ele, "errará jamais o alvo; e nenhum homem que ela tocar provará a vida de novo. E isso é mais do que Dolb, o ferreiro dos fomorianos, consegue fazer", disse ele.

14 "E tu, Credne", disse Lugh então ao seu artífice do bronze, "que ajuda podes dar aos nossos homens na batalha?" "Não é difícil dizer", disse Credne: "rebites para as lanças deles, e punhos para as espadas, e umbos e bordas para os escudos, eu fornecerei tudo."

15 "E tu, Luchta", disse ele então ao seu carpinteiro, "o que farás?" "Darlhes-ei tudo o que quiserem de escudos e de hastes de lança", disse Luchta.

16 Então perguntou a Diancecht, o médico, o que faria, e foi isto o que disse: "Todo homem que for ferido ali, a não ser que lhe cortem a cabeça ou lhe atravessem o cérebro ou a medula, eu o farei são e inteiro de novo para a batalha do dia seguinte."

17 Então o Dagda disse: "Essas grandes coisas de que vos gabais que fareis, eu as farei todas sozinho." "Tu és mesmo o bom deus!", disseram eles, e todos deram uma grande gargalhada.

18 Então Lugh falou a todo o exército e pôs força neles, de modo que cada um tinha em si o ânimo de um rei ou de um grande senhor.

19 Então, quando acabou a trégua, os fomorianos e os homens da Irlanda avançaram uns contra os outros até chegarem à planície de Magh Tuireadh. Esta não era a mesma Magh Tuireadh onde se travou a primeira batalha, mas ficava ao norte, perto de Ess Dara.

20 E então os dois exércitos se ameaçaram. "Os homens da Irlanda são bastante ousados para nos oferecer batalha", disse Bres a Indech, filho de De Domnann. "Dou a minha palavra", disse Indech, "que os ossos deles ficarão em pedacinhos, se não se renderem a nós e pagarem o seu tributo."

21 Ora, os Homens de Dea tinham decidido não deixar Lugh entrar na batalha, pela perda que a morte dele seria para eles; e deixaram nove dos seus homens vigiando-o.

22 E no primeiro dia nenhum dos reis nem dos príncipes entrou na batalha, mas só os guerreiros comuns, e eram bastante ferozes e orgulhosos.

23 E a batalha seguiu assim dia após dia, sem grande vantagem para um lado ou para o outro. Mas os fomorianos estavam admirados por uma coisa. As suas próprias armas que se quebravam ou ficavam cegas na luta ficavam ali como estavam, e os seus próprios homens que eram mortos não davam sinal de vida no dia seguinte; mas não era assim com os Tuatha Dé Danann, pois, se os seus homens eram mortos ou as suas armas quebradas hoje, estavam tão bons quanto antes no dia seguinte.

24 E foi assim que isso aconteceu. O poço de Slaine ficava a oeste de Magh Tuireadh, a leste do Loch Arboch. E Diancecht, e o seu filho Octruil, e a sua filha Airmed costumavam cantar encantamentos sobre o poço e pôr ervas nele; e os homens feridos de morte na batalha eram levados ao poço e postos nele como mortos, e saíam dele sãos e inteiros, pelo poder dos encantamentos. E não só eram curados, mas punha-se neles tanto fogo que ficavam mais rápidos na luta do que eram antes.

25 E quanto às armas, era deste modo que se faziam novas todo dia. Goibniu, o Ferreiro, ficava na forja fazendo espadas e lanças, e fazia uma ponta de lança com três voltas, e então Luchta, o Carpinteiro, fazia a haste com três cortes, e o terceiro corte era o acabamento, e a encaixava no anel da lança.

25.2 E quando as pontas de lança estavam fincadas na parede da forja, ele atirava a haste e os anéis de modo que entravam na ponta de lança e não precisavam de mais encaixe. E então Credne, o Latoeiro, fazia os rebites com três voltas e lançava os anéis das lanças até eles, e com isso estavam prontas e montadas.

26 E tudo isso ia contra os fomorianos, e mandaram um dos seus jovens espiar o acampamento e ver se descobria como essas coisas eram feitas. Foi Ruadan, filho de Bres e de Brigit, filha do Dagda, que mandaram, pois era filho e neto dos Tuatha Dé Danann. Então ele foi e viu tudo o que se fazia, e voltou aos fomorianos.

27 E quando ouviram a história dele, foi isto o que pensaram: que Goibniu, o Ferreiro, era o homem que mais os atrapalhava. E mandaram Ruadan de volta e mandaram-no acabar com ele.

28 Então ele voltou de novo à forja e perguntou a Goibniu se lhe daria uma ponta de lança. E depois pediu rebites a Credne e uma haste ao carpinteiro, e tudo lhe foi dado como pediu. E estava ali uma mulher, Cron, mãe de Fianlug, amolando as lanças.

29 E depois de a lança ser dada a Ruadan, ele virou-se e atirou-a em Goibniu, e o feriu. Mas Goibniu arrancou-a e atirou-a em Ruadan, e ela o atravessou e ele morreu; e Bres, o seu pai, e o exército dos fomorianos o viram morrer. E então Brigit veio e chorou o seu filho com gritos e com pranto.

30 E quanto a Goibniu, entrou no poço e foi curado. Mas depois disso Octriallach, filho de Indech, chamou os fomorianos e mandou cada homem deles trazer uma pedra das pedras de Drinnes e atirá-las no poço de Slane. E fizeram isso até o poço secar, e ergueu-se sobre ele um monte de pedras, que se chama Monte de Octriallach.

31 E foi enquanto Goibniu fazia pontas de lança para a batalha de Magh Tuireadh que se levantou uma acusação contra a sua mulher. E viu-se que foi uma notícia pesada para ele, e que o ciúme veio sobre ele. E foi isto o

que fez: havia uma haste de lança na sua mão quando ouviu a história, Nes era o seu nome; e ele cantou encantamentos sobre a haste, e quem fosse atingido por aquela lança depois disso, ela o queimava como fogo.

32 E por fim chegou o dia da grande batalha, e os fomorianos saíram do acampamento e puseram-se em fileiras fortes. E não havia chefe nem guerreiro deles sem boa armadura sobre a pele, e um elmo na cabeça, uma lança larga na mão direita, uma espada pesada no cinto, um escudo forte no ombro. E atacar o exército dos fomorianos naquele dia era bater a cabeça contra uma rocha, ou subir lutando contra um fogo.

33 E os Homens de Dea levantaram-se e deixaram Lugh com os seus nove companheiros guardando-o, e seguiram para a batalha; e Midhir estava com eles, e Bodb Dearg e Diancecht. E Badb, Macha e a Morrigu bradaram que iriam junto com eles.

34 E foi dura a batalha que se travou, e por um tempo ia contra os Tuatha Dé Danann; e Nuada da Mão de Prata, o seu rei, e Macha, filha de Emmass, caíram pela mão de Balor, rei dos fomorianos. E Cass-mail caiu pela mão de Octriallach, e o Dagda recebeu uma ferida terrível de uma lança de arremesso atirada por Ceithlenn, mulher de Balor.

35 Mas enquanto a batalha seguia, Lugh escapou dos que o guardavam e correu para a frente dos Homens de Dea. E então travou-se uma batalha feroz, e Lugh animava os homens da Irlanda a lutar bem, para que não ficassem mais em cativeiro. Pois era melhor para eles, disse ele, morrer protegendo o seu próprio país do que viver por mais tempo sob cativeiro e sob tributo.

35.2 E cantou-lhes uma canção de coragem, e os exércitos deram um grande grito ao entrar na batalha, e então se encontraram, e cada um começou a atacar o outro.

36 E houve grande matança, e muitos deitados em covas, e muitos homens belos caíram ali no estábulo da morte. Orgulho e vergonha estavam ali lado a lado, e dureza e ira vermelha, e havia sangue vermelho na pele branca de jovens guerreiros.

36.2 E o choque de lança contra escudo, e de espada contra espada, e os gritos dos lutadores, e o assobio das lanças de arremesso e o estrépito das bainhas eram como um trovão áspero pela batalha. E muitos escorregaram no sangue que tinham sob os pés, e caíram, batendo as cabeças umas contra as outras; e o rio levou embora juntos os corpos de amigos e inimigos.

37 Então Lugh e Balor se encontraram na batalha, e Lugh gritou-lhe insultos; e Balor ficou irado e disse aos homens que estavam com ele: "Levantai a minha pálpebra para que eu veja esse tagarela que está falando comigo."

37.2 Então levantaram a pálpebra de Balor, mas Lugh atirou nele a sua lança vermelha, que fez o olho sair pela parte de trás da cabeça, de modo que caiu na direção do seu próprio exército, e três vezes nove dos fomorianos morreram ao olhar para ele. E se Lugh não tivesse apagado aquele olho quando o fez, a Irlanda inteira teria sido queimada num só clarão. E depois disso Lugh cortou-lhe a cabeça.

38 E quanto a Indech, filho de De Domnann, caiu e foi esmagado na batalha, e o sangue jorrou-lhe da boca, e ele chamou por Leat Glas, o seu poeta, enquanto estava ali caído, mas este não pôde ajudá-lo. E então a Morrigu entrou na batalha e animava os Tuatha Dé Danann a travar bem a batalha;

e, como prometera ao Dagda, encheu as duas mãos com o sangue de Indech e o deu aos exércitos que esperavam no vau do Unius; e desde aquele dia foi chamado o Vau da Destruição.

39 E depois disso já não era batalha, mas debandada, e os fomorianos foram rechaçados até o mar. E Lugh e os seus companheiros os seguiam, e alcançaram Bres, filho de Elathan, sem nenhuma guarda com ele, e ele disse: "É melhor para vós poupar a minha vida do que me matar. E se me poupardes agora", disse ele, "as vacas da Irlanda nunca ficarão sem leite."

39.2 "Pedirei conselho sobre isso aos nossos sábios", disse Lugh. Então contou a Maeltine Mor-Brethach, dos Grandes Julgamentos, o que Bres acabara de dizer. Mas Maeltine disse: "Não o poupes por isso, pois ele não tem poder sobre as crias delas, ainda que tenha poder enquanto elas viverem."

40 Então Bres disse: "Se me poupardes, os homens da Irlanda colherão uma safra de grão a cada estação." Mas Maeltine disse: "A primavera é para arar e semear, e o começo do verão para a força do grão, e o começo do outono para o seu amadurecimento, e o inverno para usá-lo."

41 "Isso não te salva", disse Lugh então a Bres. Mas depois, para ter uma desculpa para poupá-lo, Lugh disse: "Dize-nos qual é o melhor modo de os homens da Irlanda ararem, semearem e colherem."

42 "Que a sua aradura seja numa terça-feira, e o lançar da semente no campo numa terça-feira, e a colheita numa terça-feira", disse Bres. Então Lugh disse que isso bastava, e deixou-o ir livre depois disso.

43 Foi nesta batalha que Ogma achou Orna, a espada de Tethra, um rei dos fomorianos, e tirou-a da bainha e limpou-a. E quando a espada saiu da bainha, contou todos os feitos que tinham sido feitos por ela, pois as espadas costumavam ter esse poder.

44 E Lugh, o Dagda e Ogma seguiram atrás dos fomorianos, pois estes tinham levado consigo a harpa do Dagda, que se chamava Uaitne. E chegaram a uma casa de banquete, e nela acharam Bres e o seu pai Elathan, e lá estava a harpa pendurada na parede. E fora naquela harpa que o Dagda prendera a música, de modo que não soaria até ele a chamar. E às vezes era chamada Dur-da-Bla, o Carvalho das Duas Flores, e às vezes Coir-cetharchuin, a Música dos Quatro Ângulos.

45 E quando a viu pendurada na parede, foi isto o que disse: "Vem, verão, vem, inverno, da boca das harpas, das gaitas e das flautas." Então a harpa saltou da parede e veio ao Dagda, e matou nove homens no caminho.

46 E então ele tocou para eles as três coisas que os harpistas conhecem: a música do sono, a música do riso e a música do choro. E quando tocou a música do choro, as suas mulheres chorosas choraram, e depois tocou a música do riso, até as suas mulheres e crianças rirem; e depois tocou a música do sono, e todos os exércitos adormeceram.

46.2 E por meio daquele sono os três foram embora por entre os fomorianos, que teriam gostado de lhes fazer mal. E quando tudo acabou, o Dagda trouxe a novilha que recebera de Bres como pagamento no tempo em que construía a fortaleza dele. E ela chamou o seu bezerro, e ao som do seu chamado todo o gado da Irlanda que os fomorianos tinham levado como tributo voltou aos seus campos.

47 E Cé, o druida de Nuada da Mão de Prata, foi ferido na batalha e foi para o sul até chegar a Carn Corrslebe. E ali sentou-se para descansar, cansado das feridas, do medo que tinha e da viagem. E viu diante de si uma planície lisa, cheia de flores, e veio-lhe um grande desejo de chegar àquela planície, e seguiu até chegar a ela, e ali morreu.

47.2 E quando fizeram a sua cova ali, um lago irrompeu sobre ela e sobre a planície inteira, e deu-se-lhe o nome de Loch Cé. E só restaram quatro homens dos fomorianos na Irlanda depois da batalha, e andavam pelo país estragando grão, leite e fruta, e o que vinha do mar, até serem expulsos numa noite de Samhain pela Morrigu e por Angus Og, para que os fomorianos nunca mais dominassem a Irlanda.

48 E depois que a batalha foi ganha e os corpos retirados, a Morrigu anunciou a notícia da grande vitória aos exércitos, às alturas reais da Irlanda, aos seus principais rios e às suas fozes, e foi isto o que disse: "Paz até os céus, os céus até a terra, a terra sob os céus; força a cada um."

49 E quanto ao número de homens que caíram na batalha, não se saberá até que contemos as estrelas do céu, ou os flocos de neve, ou o orvalho na relva, ou a relva sob os pés do gado, ou os cavalos do Filho de Lir num mar de tempestade.

50 E Lugh foi feito rei dos Homens de Dea então, e foi em Nas que teve a sua corte.

51 E enquanto ele era rei, a sua mãe adotiva Taillte, filha de Magh Mor, a Grande Planície, morreu. E antes de morrer mandou o seu marido, Duach, o Escuro, aquele que construiu o Forte dos Reféns em Teamhair, limpar o bosque de Cuan, para que pudesse haver uma reunião do povo ao redor da

sua cova. Então ele chamou os homens da Irlanda para derrubar o bosque com as suas facas de lâmina larga, foices e machadinhas, e em um mês o bosque inteiro foi derrubado.

52 E Lugh enterrou-a na planície de Midhe e ergueu sobre ela um monte, que se vê até hoje. E mandou acender fogueiras, fazer lamentos e realizar jogos e competições no verão de cada ano em honra dela. E o lugar onde eram realizados tomou dela o nome, que é Taillten.

53 E quanto à própria mãe de Lugh, que era a alta e bela Ethlinn, veio a Teamhair depois da batalha de Magh Tuireadh, e ele a deu em casamento a Tadg, filho de Nuada. E os filhos que lhes nasceram foram Muirne, mãe de Finn, o chefe dos Fianna da Irlanda, e Tuiren, que foi mãe de Bran.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CASA ESCONDIDA DE LUGH

✦

1 E depois que Lugh teve o reinado por muito tempo, o Dagda foi feito rei no seu lugar.

2 E Lugh foi-se embora da Irlanda, e alguns disseram que morreu em Uisnech, o lugar onde as cinco províncias se encontram, e o primeiro lugar onde jamais se acendeu um fogo na Irlanda. Foi Mide, filho de Brath, que o acendeu, para os filhos de Nemed, e ficou queimando por seis anos, e foi daquele fogo que se acendeu cada fogo principal da Irlanda.

3 Mas Lugh foi visto de novo na Irlanda no tempo em que Conchubar e os Homens do Ramo Vermelho foram seguindo aves brancas para o sul, até o Boinn, no tempo do nascimento de Cuchulainn. E foi ele que veio e vigiou Cuchulainn no seu sono de três dias no tempo da Guerra pelo Touro de Cuailgne.

4 E depois disso foi visto de novo por Conn das Cem Batalhas, e foi deste modo que aconteceu.

5 Conn estava em Teamhair uma vez, e subiu de madrugada à Fortaleza dos Reis ao nascer do sol, e os seus três druidas com ele, Maol, Bloc e Bhuice; e os seus três poetas, Ethain, Corb e Cesarn. E a razão por que subia lá com eles todo dia era olhar em volta de todos os lados, para que, se algum homem dos Sidhe viesse à Irlanda, não viesse sem ele saber. E naquele dia aconteceu de ele pisar numa pedra que estava na fortaleza, e a pedra gritou sob os seus pés, de modo que se ouviu por toda Teamhair e até Bregia.

6 Então Conn perguntou ao seu druida principal como a pedra viera parar ali e por que gritara. E o druida disse que não responderia até o fim de cinquenta e três dias. E no fim desse tempo Conn perguntou-lhe de novo, e foi isto o que o druida disse: "Lia Fail é o nome da pedra; foi trazida de Falias, e foi em Teamhair que a ergueram, e em Teamhair ficará para sempre.

6.2 E enquanto houver um rei em Teamhair, aqui será o lugar de reunião para os jogos, e se não houver rei que venha ao último dia da reunião, haverá dureza naquele ano. E quando a pedra gritou sob os teus pés", disse ele, "o número dos gritos que deu foi uma predição do número de reis da tua raça que viriam depois de ti. Mas não sou eu quem os nomeará para ti", disse ele.

7 E enquanto estavam no mesmo lugar, veio sobre eles uma grande névoa e uma escuridão, de modo que não sabiam por que caminho iam, e ouviram o ruído de um cavaleiro vindo na direção deles. "Seria uma grande tristeza para nós", disse Conn, "ser levados para um país estranho." Então o cavaleiro atirou-lhes três lanças, e cada uma vinha mais depressa que a outra. "É de fato ferir um rei", disseram os druidas, "alguém atirar contra Conn de Teamhair."

8 Com isso o cavaleiro parou de atirar as suas lanças, e veio até eles, deu as boas-vindas a Conn e convidou-o a ir à sua casa. Seguiram então até chegarem a uma bela planície, e ali viram a fortaleza de um rei, e uma árvore de ouro à sua porta, e dentro da fortaleza uma casa grandiosa com telhado de bronze branco.

8.2 Então entraram na casa, e o cavaleiro que viera ao encontro deles estava lá antes deles, no seu assento real, e nunca se vira em Teamhair homem como ele em formosura ou em beleza, ou na maravilha do seu rosto.

9 E havia uma jovem na casa, com uma faixa de ouro na cabeça, e ao lado dela um vaso de prata com aros de ouro, cheio de cerveja vermelha, e uma tigela de ouro na sua borda e uma taça de ouro na sua boca. Ela disse então ao dono da casa: "A quem devo servir de beber?"

9.2 "Serve a Conn das Cem Batalhas", disse ele, "pois ganhará cem batalhas antes de morrer." E depois disso mandou-a servir a cerveja a Art dos Três Gritos, filho de Conn; e depois disso percorreu os nomes de todos os reis da Irlanda que viriam depois de Conn, e disse qual seria a duração da vida deles.

9.3 E a jovem deixou com Conn o vaso, a taça e a tigela, e deu-lhe junto com isso a costela de um boi e a de um porco; vinte e quatro pés era o comprimento da costela do boi.

10 E o dono da casa disse-lhes que a jovem era a Realeza da Irlanda para sempre. "E quanto a mim", disse ele, "sou Lugh da Longa Mão, filho de Ethlinn."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O DESEMBARQUE

✦

1 Não se sabe agora por quanto tempo os Tuatha Dé Danann tiveram o domínio sobre a Irlanda, e é provável que o tenham tido por muito tempo, mas foram tirados dele por fim.

2 Foi em Inver Slane, ao norte de Leinster, que os filhos de Gaedhal da Armadura Brilhante, o Muito Gentil, que depois foram chamados Filhos dos Gaéis, fizeram a sua primeira tentativa de desembarcar na Irlanda para vingar Ith, um da sua raça que tinha ido lá uma vez e encontrara a morte.

3 Estavam sob o comando dos filhos de Miled, e foi do sul que vieram, e os seus druidas lhes tinham dito que não havia país para se estabelecerem até chegarem àquela ilha no oeste. "E se não tomardes posse dela vós mesmos", disseram, "os vossos filhos tomarão posse dela."

4 Mas quando os Tuatha Dé Danann viram os navios chegando, acorreram à praia, e com os seus encantamentos lançaram tal nuvem sobre a ilha inteira que os filhos de Miled ficaram confusos, e tudo o que conseguiam ver era uma coisa grande que tinha a aparência de um porco.

5 E quando foram impedidos por encantamentos de desembarcar ali, foram navegando ao longo da costa até que por fim conseguiram desembarcar em Inver Sceine, no oeste de Munster.

6 Dali marcharam em boa ordem até Slieve Mis. E ali encontrou-os uma rainha dos Tuatha Dé Danann, com um séquito de belas mulheres a acompanhá-la, e os seus druidas e sábios a segui-la. Amergin, um dos filhos de

Miled, falou-lhe então e perguntou o seu nome, e ela disse que era Banba, mulher de Mac Cuill, Filho da Aveleira.

7 Seguiram então até chegarem a Slieve Eibhline, e ali outra rainha dos Tuatha Dé Danann os encontrou, com as suas mulheres e os seus druidas atrás dela, e perguntaram-lhe o nome, e ela disse que era Fodhla, mulher de Mac Cecht, Filho do Arado.

8 Seguiram então até chegarem à colina de Uisnech, e ali viram outra mulher vindo na direção deles. E ficaram admirados enquanto olhavam para ela, pois num momento ela era uma rainha belíssima de olhos grandes, e noutro era uma gralha cinzento-esbranquiçada de bico afiado. Ela veio até onde estava Eremon, um dos filhos de Miled, e sentou-se diante dele, e ele lhe perguntou quem era, e ela disse: "Sou Eriu, mulher de Mac Greine, Filho do Sol."

9 E os nomes dessas três rainhas foram muitas vezes dados à Irlanda no tempo que veio depois.

10 Os Filhos dos Gaéis seguiram depois disso para Teamhair, onde tinham a sua corte os três filhos de Cermait Boca de Mel, filho do Dagda, que dividiam entre si o reinado naquele tempo. E esses três brigavam uns com os outros pela divisão dos tesouros que o pai deixara, e a briga era tão quente que parecia provável acabar em batalha.

11 E os Filhos dos Gaéis admiraram-se de vê-los brigar por tais coisas, tendo eles uma ilha tão fértil, onde o ar era tão saudável, e o sol não era forte demais, nem o frio amargo demais, e onde havia tanta fartura de mel e de bolotas, de leite, de peixe e de grão, e espaço bastante para todos eles.

12 Viviam em grande esplendor, com os seus druidas ao redor, no palácio de Teamhair. E Amergin foi até eles, e foi isto o que disse: que deviam entregar o reinado ali mesmo, ou deixá-lo à sorte de uma batalha. E disse que pedia isso em vingança pela morte de Ith, da raça dos Gaéis, que viera à corte deles antes daquele tempo e fora morto à traição.

13 Quando os filhos de Cermait Boca de Mel ouviram Amergin dizer palavras tão ferozes, ficaram admirados, e foi isto o que disseram: que não estavam dispostos a lutar naquele tempo, pois o seu exército não estava pronto. "Mas fazei-nos uma proposta", disseram, "pois vemos bem que tendes bom juízo e conhecimento. Mas se fizerdes uma proposta que não seja justa", disseram, "vos destruiremos com os nossos encantamentos."

14 Com isso Amergin mandou os homens que estavam com ele voltar a Inver Sceine, e embarcar depressa de novo nos navios com o resto dos Filhos dos Gaéis, e afastar-se da praia a distância de nove ondas. E então fez a sua proposta aos Tuatha Dé Danann: que, se conseguissem impedir os seus homens de desembarcar na ilha, ele e todos os seus navios voltariam para o seu próprio país e nunca mais tentariam vir de novo; mas que, se os Filhos dos Gaéis conseguissem desembarcar na costa apesar deles, então os Tuatha Dé Danann entregariam o reinado e ficariam sob o domínio deles.

15 Os Tuatha Dé Danann ficaram muito contentes com aquela proposta, pois pensaram que, pelos poderes dos seus encantamentos sobre os ventos e o mar, e pelas suas artes, seriam bem capazes de impedi-los de pôr o pé no país outra vez.

16 Então os Filhos dos Gaéis fizeram como Amergin mandou, voltaram ao navio, levantaram as âncoras e afastaram-se da praia a distância de nove ondas. E assim que os Homens de Dea viram que tinham deixado a terra, recorreram aos seus encantamentos e feitiços e levantaram um grande vento que espalhou os navios dos Gaéis e os separou uns dos outros.

16.2 Mas Amergin sabia que não era uma tempestade natural, e Arranan, filho de Miled, também sabia, e subiu ao mastro do seu navio para olhar em volta. Mas uma grande rajada de vento veio contra ele, e ele caiu de volta no navio e morreu no mesmo instante. E houve grande confusão entre os Gaéis, pois os navios eram jogados de um lado para o outro e estiveram a ponto de se perder.

16.3 E o navio que Donn, filho de Miled, comandava separou-se dos outros pela força da tempestade e despedaçou-se, e ele mesmo e todos os que estavam com ele se afogaram, vinte e quatro homens e mulheres ao todo. E Ir, filho de Miled, morreu do mesmo modo, e o seu corpo foi lançado à praia e enterrado numa ilhota que hoje se chama Sceilg Michill.

16.4 Homem valente era Ir, que levava os Filhos dos Gaéis à frente de toda batalha, e era a ajuda e o abrigo deles na batalha, e os seus inimigos tinham pavor do seu nome.

17 E Heremon, outro dos filhos de Miled, com a sua parte dos navios, foi levado para a esquerda da ilha, e foi a custo que chegou a salvo à terra. E o lugar onde desembarcou foi chamado Inver Colpa, porque Colpa da Espada, outro dos filhos de Miled, afogou-se ali tentando chegar à terra. Cinco dos filhos de Miled ao todo foram destruídos pela tempestade e pelos ventos que os Homens de Dea tinham levantado com os seus encantamentos, e só restaram três deles: Heber, Heremon e Amergin.

18 E um deles, Donn, antes de ser arrastado para o mar, bradou: "É traição que os nossos sábios estão fazendo conosco, não abater este vento." "Não há traição", disse Amergin, seu irmão. E levantou-se então diante deles, e, qualquer que fosse o encantamento que fez sobre os ventos e o mar, disse estas palavras junto com ele:

19 "Que os que são jogados no grande mar largo que dá alimento cheguem agora à terra.

20 "Que achem lugar nas suas planícies, nas suas montanhas e nos seus vales; nas suas florestas cheias de nozes e de todos os frutos; nos seus rios e riachos, nos seus lagos e nas suas grandes águas.

21 "Que tenhamos as nossas reuniões e as nossas corridas nesta terra; que haja um rei nosso em Teamhair; que ela seja a posse dos nossos muitos reis.

22 "Que os filhos de Miled sejam vistos nesta terra, que os seus navios e os seus barcos achem lugar ali.

23 "Esta terra que está agora sob a escuridão, é por ela que pedimos; que os nossos homens principais, que as suas sábias mulheres peçam que cheguemos à nobre mulher, a grande Eriu."

24 Depois que ele disse isso, o vento baixou e o mar ficou calmo de novo no mesmo instante.

25 E os que restavam dos filhos de Miled e dos Filhos dos Gaéis desembarcaram então em Inver Sceine.

26 E Amergin foi o primeiro a pôr o pé em terra, e quando se ergueu na praia da Irlanda, foi isto o que disse:

27 "Sou o vento sobre o mar;
sou a onda do mar;
sou o touro de sete batalhas;
sou a águia sobre a rocha;
sou um clarão do sol;
sou a mais bela das plantas;
sou um javali forte e selvagem;
sou um salmão na água;
sou um lago na planície;
sou a palavra do conhecimento;
sou a ponta da lança na batalha;
sou o deus que põe fogo na cabeça;
quem espalha luz na reunião sobre as colinas?
Quem sabe dizer as idades da lua?
Quem sabe dizer o lugar onde o sol repousa?"

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A BATALHA DE TAILLTIN

✦

1 E três dias depois do desembarque dos Gaéis, foram atacados por Eriu, mulher de Mac Greine, Filho do Sol, que tinha consigo uma boa quantidade de homens. E travaram uma batalha dura, e muitos foram mortos dos dois lados. E esta foi a primeira batalha travada entre os Filhos dos Gaéis e os Homens de Dea pelo reinado da Irlanda.

2 Foi naquela batalha que Fais, mulher de Un, foi morta num vale ao pé da montanha, e ele foi chamado pelo nome dela, o Vale de Fais. E Scota, mulher de Miled, encontrou a morte na batalha, e foi enterrada num vale do lado norte da montanha, perto do mar. Mas os Filhos dos Gaéis não perderam mais que trezentos homens, e rechaçaram os Homens de Dea e mataram mil deles.

2.2 E Eriu foi rechaçada até Tailltin, com tantos dos seus homens quantos conseguiu manter juntos; e quando chegou lá contou ao povo como fora vencida na batalha e como os melhores dos seus homens tinham encontrado a morte. Mas os Gaéis ficaram no campo de batalha e enterraram os seus mortos, e deram um grande enterro a dois dos seus druidas, Aer e Eithis, que foram mortos na luta.

3 E depois de descansarem por um tempo, seguiram para Inver Colpa, em Leinster, e Heremon e os seus homens juntaram-se a eles ali. E então mandaram mensageiros aos três reis da Irlanda, os três filhos de Cermait Boca de Mel, e chamaram-nos a sair e travar uma batalha que decidisse de uma vez por todas a posse do país.

4 Então eles saíram, e os melhores guerreiros dos Tuatha Dé Danann com eles, até Tailltin. E ali atacaram-se uns aos outros, e os Filhos dos Gaéis lembraram-se da morte de Ith, e ficaram muito irados, e caíram sobre os Homens de Dea para vingá-lo, e travou-se uma batalha feroz.

4.2 E por um tempo nenhum lado levou vantagem sobre o outro, mas por fim os Gaéis romperam o exército dos Homens de Dea e o puseram em fuga, com grande matança, e os expulsaram do lugar. E os seus três reis foram mortos na fuga, e as três rainhas da Irlanda, Eriu, Fodhla e Banba.

4.3 E quando os Tuatha Dé Danann viram que os seus chefes estavam mortos, recuaram em grande desordem, e os Filhos dos Gaéis os seguiram. Mas ao segui-los perderam dois dos seus melhores chefes, Cuailgne, filho de Breagan, em Slieve Cuailgne, e Fuad, seu irmão, em Slieve Fuad.

4.4 Mas não desanimaram nada com isso, e seguiram os Homens de Dea tão de perto que estes nunca mais conseguiram reunir o seu exército, mas tiveram de se dar por vencidos e entregar o país aos Gaéis.

5 E os chefes, os filhos de Miled, dividiram entre si as províncias da Irlanda. Heber tomou as duas províncias de Munster e deu uma parte dela a Amergin; e Heremon recebeu Leinster e Connacht como sua parte, e o Ulster foi dividido entre Eimhir, filho de Ir, filho de Miled, e alguns outros dos seus homens principais.

5.2 E foi dos filhos de Eimhir, que foram chamados os Filhos de Rudraighe e que viveram em Emain Macha por novecentos anos, que vieram alguns dos melhores homens da Irlanda; Fergus, filho de Rogh, era deles, e Conall Cearnach, do Ramo Vermelho do Ulster.

6 E dos filhos de Ith, o primeiro dos Gaéis a encontrar a morte na Irlanda, veio no tempo posterior Fathadh Canaan, que obteve o domínio sobre o mundo inteiro, do nascer ao pôr do sol, e que tomou reféns dos rios, das aves e das línguas.

7 E é o que os poetas da Irlanda costumavam dizer: que todo homem valente, bom de luta, e todo homem que podia fazer grandes feitos sem falar muito deles, era dos Filhos dos Gaéis; e que todo homem hábil que tinha música e fazia encantamentos em segredo era dos Tuatha Dé Danann.

7.2 Mas puseram má fama nos Firbolgs, nos homens de Domnand e nos Gaileoin, por mentiras, conversa grande e injustiça. Mas, apesar de tudo isso, havia bons guerreiros entre eles, e Ferdiad, que resistiu tão bem a Cuchulainn na guerra pelo Touro de Cuailgne, era um deles.

7.3 E os Gaileoin lutaram bem na mesma guerra; mas os homens da Irlanda não gostavam muito deles, e os seus druidas os expulsaram do país depois.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0